

amm

AVE MARIA — REVISTA MENSAL — ANO LXXXVII — Nº 10
OUTUBRO 1985 — Cr\$ 2.400

A SENSIBILIDADE DAS CRIANÇAS

A MISSÃO DE JESUS E A DA COMUNIDADE CRISTÃ

JESUS ALGO MAIS QUE ILUSÃO

A TERRA É DOM DE DEUS: CONQUISTÁ-LA É UMA MISSÃO



Direitos humanos

22

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, juntamente com alguns textos bíblicos e pronunciamentos oficiais de Igrejas cristãs, aqui apresentados, servem de subsídios para os que desejam conhecer melhor, estudar e discutir os Direitos Humanos.

Artigo XXII. Todo homem, como membro da sociedade, tem direito à segurança social e à realização, pelo esforço nacional, pela cooperação internacional e de acordo com a organização e recursos de cada Estado, dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis à sua dignidade e ao livre desenvolvimento de sua personalidade.

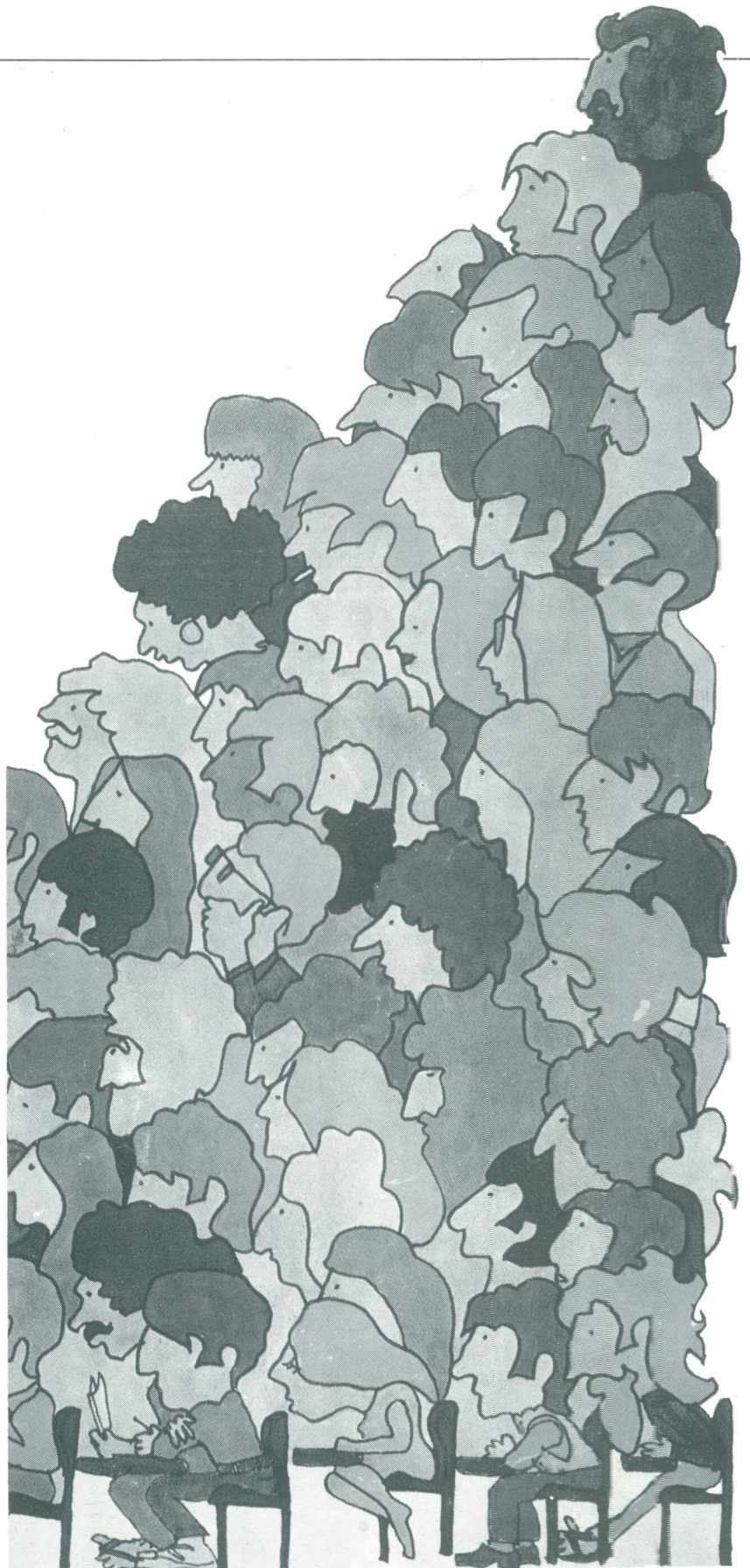
Entre ti não haja pobre... se apenas ouvires atentamente a voz do Senhor teu Deus (Dt 15,4-5).

Ora, é em paz que se semeia o fruto da justiça, para os que promovem a paz (Tg 3,18).

As excessivas disparidades culturais, sociais e econômicas negam a justiça e põem em perigo a paz, exigindo intervenção competente com planejamento eficaz para vencê-las (*Credo Social da Igreja Metodista*, 1971).

Só um povo convocado a participar do processo de seu desenvolvimento aceita com dignidade os sacrifícios exigidos, os quais, de outra forma, podem criar tensões e revoltas sociais, com agravamento do estado de violência, de repressão e de corrupção (CNBB, *Exigências Cristãs de uma Ordem Política*, 1977).

Tg 2,6.



PARA REFLETIR E DISCUTIR NOS GRUPOS:

1. Quais as causas que geram as tensões, revoltas, violências e corrupção?
2. Como um povo pode participar do processo de seu desenvolvimento?

SUMÁRIO

- 4 • **A IGREJA NO MUNDO**
Fatos e acontecimentos na vida da Igreja.
- 6 • **CONSULTÓRIO POPULAR**
Questões de fé e de religião.
- 7 • **"CONTAS" E "NÓS"**
Origem e significado do Rosário.
- 8 • **A MISSÃO HOJE: FORMAR COMUNIDADES DE JUSTIÇA, FÉ, AMOR.**
- 9 • **A OUTRA FACE DE UM SANTO**
Santo Antônio Maria Claret.
- 10 • **O MENINO E OS BALÕES**
O fascínio da criança pelas coisas revela o seu íntimo.
- 11 • **ALÔ, CRIANÇA!**
A criança é um ser puro, simples, meigo.
- 12 • **O QUE É UM MENINO**
Criança é um ser que cativa.
- 13 • **A MISSÃO DE JESUS E DA COMUNIDADE CRISTÃ**
Cristo é o modelo do missionário.
- 15 • **JESUS ALGO MAIS QUE ILUSÃO**
Cristo é o Salvador, o Redentor.
- 18 • **VOCAÇÃO PROFÉTICA**
Moisés.
- 19 • **A TERRA É DOM DE DEUS, CONQUISTÁ-LA É UMA MISSÃO**
Reforma agrária: um plano tímido, porém temido.
- 22 • **QUEM É O MISSIONÁRIO LEIGO?**
Missionário leigo é um cristão engajado em sua realidade.
- 24 • **CINCO LEITURAS SOBRE LIBERTAÇÃO À LUZ DA "CATEQUESE RENOVADA" DA CNBB**
- 26 • **GABI-NOVOS VENTOS...**
Programa sem tendenciosidade, puramente informativo.
- 27 • **MEU LAR, MINHA ALEGRIA**
No colégio de freiras.
- 29 • **UMA AÇÃO VALE POR MIL PALAVRAS**
Uma pessoa construtiva pode ajudar o alcoólatra.
- 30 • **A PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA EUCARÍSTICA**

FOTO DA CAPA:
Cláudio Gregoriani

EDITORIAL

"Ide e ensinai!" - disse Jesus

É uma ordem e um mandato. Ambos encerram uma missão. Primeiro ir, sair ao encontro, partir à procura. Em seguida, ensinar, doutrinar, expondo o Evangelho, a Boa-Notícia, o anúncio para o novo Reino, diferente dos conhecidos reinos, velhos demais. Novo Reino com áreas e situações diferentes, exigências comprometedoras, mas com a oferta de Vida, feliz, para nunca acabar. Era a visão escatológica do Messias, o Cristo Salvador.

Por isso e para isso, convidou amigos, conviveu com eles, incutiu neles a mensagem que recebeu do Pai, o Amor. Mas, concretizando-o na vida, no dia-a-dia de cada um. Amar pessoas. Na doação, na partilha de si mesmo, primeiramente, e dos bens materiais quando necessário. Reino de fraternidade, portanto. Tudo isto transmitiu aos seus e a todos que o escutavam, com palavras e testemunhos concretos. Era a sua Missão que transmitia.

E hoje, quando dizemos Mês de Outubro, Mês das Missões, significa apenas uma lembrança mais forte e mais insistente da ordem do Mestre divino: Ide e ensinai! Porque este mandato de Deus é missão de cada um. Basta que creia n'Ele para que deva assumi-la. Basta ser da sua Igreja, para ter o dever de propagá-la como sacramento do Reino, sinal de salvação. Porque todo aquele que acreditar e for fiel a esse evangelho num batismo, "será salvo", disse Jesus.

Toda Igreja quando se constitui, e Igreja são os cristãos, já se torna responsável pelo Reino. Torna-se evangelizadora. Missionária. É o que as páginas deste número de nossa revista missionária também nos oferecem para leitura e reflexão.

Outubro — Mês do Rosário. Outra arma de Deus na conquista do Reino. Arma pacífica, evangelho resumido, na figura missionária de Maria, a Mãe de Jesus e da Igreja, participante ativa dos Mistérios da salvação. Quantos missionários levaram Cristo aos corações, corações sem conta, pelas contas do Rosário. Contas de preces, de meditação e de paz.

E vou citar apenas um, um grande missionário dos últimos tempos, que evangelizou meio mundo com zelo e atividade de apóstolo: Santo Antônio Maria Claret, missionário e fundador de Congregação Missionária, que teve, na oração do Rosário e na sua divulgação, uma das maiores forças de evangelização. Sua festa é celebrada precisamente no dia 24 de outubro.

Outra riqueza espiritual deste mês — as crianças — as flores de Deus nos jardins dos homens, infelizmente nem sempre bem cuidadas, mas que a todos encantam e transmitem alegria e esperança na vida. Tema agradável como o perfume das rosas, que, com outros mais, este número de sua querida "Ave Maria" traz pra você, leitor.

Pe. Elias

am
avemaria

□ AVE MARIA é uma publicação mensal da Editora Ave Maria Ltda. Propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos. Fundada a 28 de maio de 1898. Registrada no S.N.P.I., sob nº 221.689, no S.E.P.J.R., sob nº 50, no R.T.D., sob nº 67, e na DCDP do DFP, nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005-1934. Publicada na cidade de São Paulo, Brasil. □ Redação, Publicidade, Administração e Correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 3º e 4º andares. (Tel. (011) 66-2128 e 66-2129) Cx. P. 54.215 (CEP 01.227) - São Paulo, SP. □ Composição, Fotolito e Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria Ltda, Rua Martim Francisco, 656 - (Vila Buarque - CEP 01.226) - São Paulo. □ A assinatura da AM pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque (pagável em São Paulo), vale postal ou valor declarado em nome da Administração da Revista Ave Maria. — A maioria das cidades são visitadas por nossos representantes que renovam as anuidades a domicílio; nas demais, as renovações de assinatura são feitas por banco e pelo correio. □ Preços: Número avulso Cr\$ 2.400 - Ass. Anual Cr\$ 24.000 - Ass. de Benfiteiro Cr\$ 40.000.

Diretor de Redação: Cláudio Gregoriani.

Colaboram neste número: José Andery, Mauro Baptista, José Wanderley Dias, André Carbonera, Regina (PLADEN-Campinas), José Penalva, Alceu Luiz Orso, José Cristo Rey Garcia Paredes, Elias Leite, Ana Aparecida Frabetti Valim, Antoninho Tatto, Frederico Datler, Rosana Costa Chispim, Maria do Carmo Fontenelle, Donald Lazo e Hugo Giuratti.

Arte e Produção: Pedro Ribeiro.

Revisão: Attilio Cancian.

Diretor Administrativo: Sérgio Ibanor Piva.

Circulação e Assinaturas: José Rodrigues de Almeida.

Representantes e Promotores: Geraldo Moreira, Joaquim Dias de Castro, José Montresor.

Publicidade: Cláudio Gregoriani.

Editor Responsável: Cláudio Gregoriani.

O Estado do Maranhão e a questão fundiária

São Luís (CIC) — O Maranhão é o Estado que tem a maior porcentagem de terras aproveitáveis não exploradas do País. Do total de terras aproveitáveis para a agricultura, 57% da área do Estado estão improdutivos e, portanto, passíveis de desapropriação segundo o Plano Nacional de Reforma Agrária elaborado pelo governo. O segundo Estado com maior quantidade de terras inexploradas é o Piauí, com 56% de sua área, seguindo-se Mato Grosso, com 50%. É também no Estado do Maranhão que se verifica a maior concentração de latifúndios, abarcando um total de 80% do território. Em contrapartida, verifica-se também no Maranhão um grande número de famílias sem terra. São um total de 410 mil famílias. Para assentar toda esta gente em propriedades médias, bastaria desapropriar 23% do território, ou seja, a metade das terras improdutivas. Com a presente estrutura fundiária o Estado apresenta inúmeros conflitos. Segundo o relatório "Conflitos de Terra no Brasil — 1984", da Comissão Pastoral da Terra Nacional, foram assassinados, em conflitos de terras, 18 lavradores e líderes sindicais durante o ano de 1984 no Estado do Maranhão.

Igreja se defende de acusações

Brasília (CIC) — O Secretário-Geral da CNBB, dom Luciano Mendes de Almeida, contestou a acusação do comandante da Escola Superior de Guerra, general Euclides Figueiredo, de que o clero estaria contra a propriedade privada e estimulando as invasões de terras particulares. Dom Luciano afirmou que "a propriedade particular é não só aceita, mas constantemente defendida pela Igreja como necessária à promoção da pessoa humana e ao bem-estar so-

cial". Em seguida, falou taxativamente: "Acusações que nas últimas semanas têm sido levantadas contra a atuação da Igreja podem revelar falta de senso cívico. Elas procuram atrasar medidas que a própria lei do país — Estatuto da Terra — estabelece há mais de 20 anos. Se essas medidas tivessem sido cumpridas no modo e momento devido, com consciência e sem omissões, teriam permitido um bem-estar social, do qual hoje se vêem excluídos milhões de brasileiros". Dom Luciano condenou ainda às invasões de terras e os assassinatos cometidos por jagunços, defendendo, outrossim, uma solução através do diálogo, da organização popular e da atuação das agremiações e sindicatos dos trabalhadores do campo, concluindo que "só assim será evitado o recurso à força e o exercício impune da ganância".

Brasil: Nunca Mais

A Editora Vozes acaba de lançar o livro "Brasil: Nunca Mais — Um Relato para a História". O livro é o resultado de uma pesquisa ampla e minuciosa de 15 anos (1964-79) de torturas e perseguições patrocinadas pelo governo militar do Brasil. Não se trata de teorias ou comentários sobre a tortura. Trata-se de um documentário recolhido nos inúmeros processos instaurados pela ditadura militar no País, algo oficial portanto. O livro é apenas uma amostra do trabalho elaborado pelo Projeto de Pesquisa "Brasil: Nunca Mais", que durante anos trabalhou recolhendo cópias de processos e provas de torturas acontecidas no Brasil. Sem dúvida é apenas a ponta do iceberg dos acontecimentos obscuros do mundo da tortura. O livro também contém a lista dos desaparecidos políticos desde 1964, um total de 125 pessoas. Não se trata de um livro, revanchista e sim de um documentário para a história a bem da verdade e da justiça. O livro é apresentado pelo cardeal de São Paulo,

dom Paulo Evaristo Arns. Diz o cardeal a respeito dos objetivos do Projeto:

"Desde seus primeiros passos, em agosto de 1979, até sua conclusão, em março de 1985, o Projeto de Pesquisa 'Brasil: Nunca Mais' não tem outro objetivo que não seja o de materializar o imperativo escolhido como título da investigação: que nunca mais se repitam as violências, as ignomínias, as injustiças, as perseguições praticadas no Brasil de um passado recente. Não é intenção do Projeto organizar um sistema de provas para apresentação em qualquer Nuremberg brasileiro. Não o anima qualquer sentido de revanche. Na busca da justiça, o povo brasileiro nunca foi movido por sentimentos de vingança. O que se pretende é um trabalho de impacto, no senti-

do de revelar à consciência nacional, com as luzes da denúncia, uma realidade obscura ainda mantida em segredo nos porões da repressão política hipertrofiada após 1964. É a observância do preceito evangélico que nos aconselha o conhecimento da verdade como pressuposto para a libertação. Feliz coincidência, esta, do lançamento dos resultados da pesquisa num momento de esperança nacional, de superação do autoritarismo, de reelaboração das leis do país... Que ninguém termine a leitura deste livro sem se comprometer, em juramento sagrado com a própria consciência, a engajar-se numa luta sem tréguas, num mutirão sem limites, para varrer da face da Terra a prática das torturas" (CIC).

V.J.B.

Constituição:

O Brasil todo está falando em Assembléia Constituinte. Todos concordam: é preciso fazer para o Brasil uma nova Constituição, que atenda às exigências e necessidades da realidade atual. Largos setores do país defendem que esta Constituição deve ser elaborada com a ajuda do povo, pois a nossa Constituição atual foi elaborada e outorgada pelos militares em 1967 e emendada pelos mesmos militares em 1969. Mas, acima desta discussão toda, o que é uma Constituição? Pode ser definida como: "Um conjunto de regras e princípios, constituídos como Lei maior, que se sobrepõem e à qual se conformam todas as demais leis, e que: determina como são exercidos os poderes públicos do Estado; determina e assegura as liberdades e direitos individuais".

A Constituição portanto fala do Estado, das pessoas e da relação entre ambos. Surge aí o primeiro impasse: a Constituição deve falar do Estado em relação ao indivíduo ou do indivíduo em relação ao Estado? Quem é mais importante? O Estado? O indivíduo? As constituições de um modo geral, por serem elaboradas e tuteladas pelo Estado, dão a este maior importância. Há no entanto desequilíbrios exagerados. Em nossa Constituição atual, o importante é o Estado. O indivíduo só é considerado quando interessa ao Estado ou como um apêndice do mesmo. Para

Bispo anglicano repudia apartheid

Johanesburgo (CIC) — O líder religioso negro sul-africano Desmond Tutu afirmou que as chances de uma mudança pacífica no sistema de segregação racial da África do Sul são “virtualmente nulas” e pediu à comunidade internacional que adote sanções econômicas contra a África do Sul, para pressionar o governo a pôr fim ao apartheid. O arcebispo anglicano, Nobel da Paz de 1984, afirmou ainda que “o país está à beira de uma catástrofe”. Estas declarações do líder religioso são consequência da reação ao discurso pronunciado pelo presidente (branco) da África do Sul, Pieter Willem Botha. No discurso, Botha não anunciou as esperadas medidas de

relaxamento das leis do apartheid, que ora garantem aos quatro milhões de brancos completa hegemonia nas decisões políticas sobre os 24 milhões de negros que vivem no país.

Aumentam vocações na Bolívia

La Paz (CIC) — O Presidente da Comissão do Clero e Seminários da Conferência Episcopal da Bolívia, dom Edmundo Avastoflor, e o reitor do seminário maior de San José, Walter Pérez, num encontro que tiveram com a Conferência Episcopal afirmaram que aumentaram em 60% as vocações sacerdotais

nos últimos anos na Bolívia. Dom Edmundo e Pe. Walter Pérez assinalaram que existe um aumento tanto em número como em qualidade e que a tendência é continuar aumentando. Para dom Edmundo, a principal causa do aumento das vocações é que “a Igreja, nos últimos anos, tem apresentado uma imagem renovada e vem dando um testemunho maior de serviço”. Acrescentou ainda que esta imagem da Igreja fez com que “a juventude se voltasse mais decididamente para esse ideal de trabalhar em função dos demais”. Por sua vez, o reitor do seminário de San José acrescentou que se deve ter em conta um outro fator, responsável pelo maior número de vocações: “A juventude não encontra na sociedade uma resposta a suas inquietações, muito menos nos seus dirigentes”. Por isso “buscam a Igreja como uma resposta autêntica”, concluiu.

Nordeste”. Werner é integrante da CPT do Paraná e frisou que o Paraná apresenta bolsões de miséria semelhantes aos do Nordeste. 430 mil famílias sobrevivem em condições precárias num Estado agrícola, onde 3,3 milhões de ha. de terras estão nas mãos de especuladores imobiliários, improdutivas. Aos poucos aumenta também a concentração de terras no Estado, onde os pequenos agricultores não suportam mais o arroxio imposto pelos bancos, multinacionais e grandes empresas rurais. 40 mil famílias já se organizam no Estado junto à CPT. Werner afirmou que “não cabe à CPT criar a luta. Ela já existe, mas somos uma equipe que assume o conflito”. Nos movimentos organizados, os sem-terra conseguem fazer frente a quatro mecanismos de dominação do sistema: 1) *o poder econômico*: a tentativa é de escapar do mercado e produzir para a automanutenção, com preços reduzidos; 2) *a quebra do poder político*: estes movimentos populares estão desatrelados de qualquer partido político; 3) *a ideologia*: com estes movimentos populares o povo simples da roça começa a perceber seus direitos como pessoa; 4) *as forças armadas*: os agricultores não querem partir para um confronto armado, mas sabem que os grandes proprietários estão armados e continuam se armando, Werner acredita que o Governo fará a Reforma Agrária apenas por pressão do Banco Mundial, que tem interesse no aumento do capital que pode advir daí. Enquanto que a CPT está mais preocupada com uma Reforma Agrária Popular, que visa a manutenção da família e uma convivência mais justa no campo. Na opinião do Pastor, o povo começa a ver como a Bíblia é viva para sua situação: “Aí nasce esperança e se nota que a Palavra de Deus é palavra viva”. Por sua vez, a Igreja também se enriquece, pois se conscientiza sobre a questão da exploração da terra.

O Estado e o indivíduo

melhor se ter uma idéia disto é só contar: dos 210 artigos de nossa atual Constituição, feita pelos militares, 194 se referem ao Estado e apenas 16 ao indivíduo. Nossa Nova República não pode mais tolerar isto. E ainda, por ironia, nossa Constituição começa com: “Todo poder emana do povo e em nome do povo deve ser exercido”. Que povo é este?

Aqui se poderia argumentar: mas o Estado existe para zelar e defender os direitos dos indivíduos. Certo, mas isto geralmente não acontece, pois se confunde Estado com governo e governo com um pequeno grupo que está no poder. A Constituição passa a ser então um conjunto de leis que existe para que um pequeno grupo controle a grande maioria do povo. Elaborar uma nova Constituição é portanto ouvir toda a sociedade. Como seria difícil elaborar uma Constituição onde todos os 120 milhões de brasileiros estivessem sentados à mesa discutindo, defendemos a eleição livre de uma Assembléia Nacional Constituinte, desligada de qualquer atrelamento ao Estado ou somente a partidos (CIC).

V. J. Berkenbrock

N.R. (A história das constituições brasileiras um pouco mais abrangente foi divulgada na Revista AVE MARIA n.º 6, à pág. 23, sob o título: “Constituinte e Povo”, edição de junho deste ano).

O que contam os números

Tubarão (CIC) — A área total de imóveis da Igreja no Brasil é de 179.399 ha. A área total dos latifúndios por exploração é de 362.000.818 ha. A área total dos latifúndios por dimensão é de 47.462.710 ha. A área total de imóveis (32) do maior proprietário de terras soma 1.852.905 ha. e a área do maior imóvel rural do país é de 1.201.878 ha.

As mortes no campo

Salvador (CIC) — Conforme dados da CPT (Comissão Pastoral da Terra) a cada quatro dias morre um brasileiro assassinado no campo, cujas causas dificilmente são esclarecidas pela polícia. Esta questão foi levantada pelo pastor Werner Fuchs no seminário “As causas da fome no

- Aqui respondemos às perguntas sobre a vida cristã, a história, as leis e os costumes da Igreja, a moral e a teologia, a Sagrada Escritura e a liturgia.
- Assuntos mais delicados e pessoais são respondidos por carta. Neste caso, é favor enviar selos para a resposta.
- Correspondência para: Equipe Consultório Popular — Cx. Postal 153 — CEP 80.000 Curitiba - SP

1.984

Extrema Unção

Gostaria de uma explicação do Sacramento da Extrema Unção: se vale por uma confissão particular, se por receber este sacramento se pode comungar como se a pessoa se tivesse confessado? (T. R. L. - Leopoldina, MG).

Muitas vezes nos apegamos a certas minúcias e, por outro lado, nos esquecemos da importância deste sacramento para a vida.

Até pouco tempo atrás era chamado de Extrema Unção. Mudou-se para Unção dos Enfermos. Não é uma simples troca de palavras. Atrás desta mudança existe um convite a entender e a viver de modo novo este sinal do amor de Deus. Até pouco tempo, quando o padre ia ungir um doente era sinal de que não havia mais esperanças. Ele ia para "acertar o passaporte" daquele doente para a eternidade. Infelizmente ainda hoje acontece em alguns lugares em que se espera que o doente esteja nas "últimas" para chamar o padre. Deve ficar bem claro que este sacramento é dos *Enfermos* e não dos *moribundos*.

O óleo dos enfermos é abençoado pelo bispo na Quinta-Feira Santa. Quem o administra é o padre. É importante que toda a família esteja presente para o ato. Seria bom que a Unção dos Enfermos não fosse administrada para pessoas que não tivessem uma

vivência da fé. Razão: Os sacramentos não são magia. Pouco adiantaria para aquele enfermo este gesto, se ele não tem fé. Não pode ser administrado só para contentar a família. Qualquer sacramento pressupõe sempre uma atitude de fé por parte, em primeiro lugar, de quem o recebe e, em segundo lugar, por parte da comunidade.

Os efeitos desta unção são muitos. É preciso olhar o ser humano como um todo: corpo e espírito, onde um depende do outro. Eis os efeitos:

a) *A graça do Espírito Santo*: Quem o recebe com fé sente o conforto divino em sua vida, percebe que a existência de Deus se faz presente em todos os momentos da vida, mesmo naqueles em que nossas forças fraquejam, como na doença, na dor.

b) *Possibilidade da cura*: Ninguém deve buscar este sacramento para se livrar de doenças. Mas a graça divina, às vezes, opera uma cura corporal ou psíquica.

c) *Traz a esperança*: Ensina o doente a aceitar a doença, a velhice e a morte. Pela fé, percebe que a morte do homem é um ser vivo para Deus. Sente-se valorizado. Encara a doença como uma missão que Deus lhe confiou.

d) *Restabelece a comunhão com Deus e com os irmãos*. Faz o doente sentir-se apoiado por Deus, perdoado e guiado. Quando o doente não tem condições para se confessar, a unção é também reconciliação e perdão dos pecados.

1.985

Rosa-Cruz

O que é a ordem "Rosa-Cruz"? A Igreja condena? É possível ser católico e Rosa-Cruz ao mesmo tempo? (E. A. - Jacarezinho, PR).

Por Ordem Rosa-Cruz deve-se entender um conjunto de sociedades que, apesar de se dizerem originárias do Oriente ou do Egito, têm seu início no século XVII d.C. (afirmam, por exemplo, sua origem remota ao antigo Egito durante a XVIII dinastia sob o reinado do faraó Amenhotep IV em 1350 a.C.). Em 1615 um escrito anônimo intitulado *Confessio Fraternitatis Rosae Crucis ad Eruditos Europae* divulgou a estória de um tal Christian Rosenkreutz, que teria vivido entre 1378-1484 e que, depois de ter viajado pelo Oriente, deu início a uma Fraternidade imbuída de sabedoria e orientada com o fim de reformar o mundo. A Fraternidade que tomou o nome de seu fundador (Rosenkreutz = Rosa-Cruz) ficou latente até o início do século XVII, quando alguns homens, lendo o livro, ficaram impressionados com a estória nele contida e procuraram as sedes de tal ordem. Ora, não a encontrando (como não poderiam encontrar, pois não existiam), decidiram fundar algumas sedes, conforme o modelo proposto no livro. Quando isto se deu,

o teólogo alemão João Valentin Andreae (+1654) declarou-se inventor da estória narrada no livro e reconheceu que tanto o personagem (Christian Rosenkreutz) como a Fraternidade eram lendas.

A sua intenção ao escrever o livro era a de ridicularizar a mania de maravilhoso e o alquimismo ocultista do seu tempo (quando se procurava transformar os metais e produzir ouro, além de querer descobrir o elixir da vida...).

Entretanto, mesmo assim, a Ordem se propagou. Hoje em dia, existem pelo menos 4 fraternidades rosacruceanas, sendo a principal a Antiga e Mística Ordem Rosa-Cruz (AMORC). Tais fraternidades acreditam na reencarnação, nas proposições astrológicas, curandeirismos, higiene física e mental, panteísmo (a divindade, dizem, o universo e o homem se identificam entre si, constituindo uma só substância).

Tais sociedades, além de secretas, não são neutras em matéria religiosa, pois, depois que o sujeito entra numa dessas "fraternidades", fica de tal modo envolvido por ela que, finalmente a Ordem Rosa-Cruz se torna a sua religião.

Um fiel católico não pode aderir à Rosa-Cruz por ensinar coisas contrárias à nossa fé. E não convém vender-se por tão pouco. Temos tanta coisa boa em nossa religião.

"Contas" e "nós"

José Andery

Qual a origem e o significado da recitação do rosário e o porquê das contas, como nós cristãos as temos hoje.

Como é que a gente consegue lembrar-se de um número exato de "coisas"? É fácil. Há várias maneiras que nos ajudam a memória suficientemente e das quais podemos nos utilizar. Quando as mãos estão "desocupadas" e as coisas a serem contadas são poucas, os dedos servem bem...

Em alguns jogos, como baralho, víspera e outros, usam-se grãos de milho, de feijão, fichas ou coisas semelhantes. Houve pessoas que, em iguais circunstâncias, não confiando na memória, empregavam cordéis ou cordões e, a cada vez, davam um nó; eram as "enfiadas". Outros usavam um fio com um número determinado de "contas" para se "contar" quantas vezes se fazia ou se falava a mesma coisa.

É muito antigo, no mundo, o uso dessas enfiadas, com nós ou contas. Em particular, nas Índias, era comum entre os budistas, os maometanos ou muçulmanos e os judeus. Conforme a seita, a enfiada era composta de diferente número e de diferente qualidade de contas ou nós. Serviam para ajudar a memória na contagem do número exato de preces que eles tinham de fazer por obrigação.

Os brâmanes, adoradores do deus Siva, utilizavam uma enfiada de 32 ou 64 contas. O veda "rezava" um pouco mais: suas enfiadas tinham 108 contas. Esse número, 108, é sagrado entre os budistas. Quando Buda nasceu, foram convocados 108 brâmanes para prever o destino do recém-nascido; na Brimânia, as pedregadas deixadas por Buda têm, às vezes, 108 divisões; no Tibete, os livros sagrados são colecionados em 108 volumes; na China, o Pagode Branco



de Pequim está rodeado de 108 colunas; o castigo, para os malfeitores, consistia em 108 chicotadas.

Para os maometanos ou muçulmanos a enfiada constava de 99 contas, mais 1; dividia-se em 3 partes de 33 contas cada. Enumeravam os nomes e atributos de Deus. A conta separada era destinada a dar, a Deus, o nome principal e essencial: Alá. Para os judeus, as enfiadas perderam o sentido religioso da contagem de preces. Hoje, tanto os judeus como alguns muçulmanos usam-nas como passatempo; ao andarem pelas ruas ou, se sentados, observam o movimento de pessoas e carros, ficam passando, entre os dedos, as contas das enfiadas.

O uso, porém, de enfiadas não se concretizou apenas no Oriente; passou por gerações, chegou ao Ocidente, geralmente com a mesma finalidade: ajudar a memória para não errar na contagem das preces que se devem fazer.

Assim é que, surgindo no mundo a prática da reza do rosário ou terço de N. Senhora, surgiu também uma maneira de não se esquecer o número das "Ave-Marias". Primitivamente era um cordão no qual se faziam 150 ou 50 nós, separados de 10 em 10. Posteriormente inventou-se o rosário ou o terço com 150 ou 50 contas. Cada série de 10 Ave-Marias começava com a reza do "Pai-Nosso" e terminava com o "Glória-ao-Pai".

Quem inventou o Rosário?

Quem instituiu a reza do rosário foi N. Senhora que o revelou a São Domingos de Gusmão, Fundador da Ordem dos Pregadores, ou Dominicanos. Tem-se como certo que a revelação tenha sido feita na célebre abadia de Prouille, a poucos quilômetros de Fanjeaux, na França, onde o santo se recolhia freqüentes vezes para fazer seus retiros espirituais e meditações mais profundas. Havia-se espalhado, nessa época, bastante profusamente, a heresia dos albigenses que, procedentes de Albi, na França, e tendo ali seu quartel-general, invadiram a França e a Espanha.

A ordem dos dominicanos foi instituída para ensinar a verdadeira doutrina cristã; mas só as pregações não estavam surtindo o efeito desejado; por isso N. Sra. revelou a São Domingos a recitação do santo rosário; sem a oração, a Palavra Deus nem sempre é aceita. S. Domingos instituiu um novo método de pregação; explicava

a doutrina cristã, os mistérios da vida, morte e ressurreição de Jesus, com a vida de N. Senhora; e S. Domingos instituiu um novo método de pregação; explicava a doutrina cristã, os mistérios da vida, morte e ressurreição de Jesus, com a vida de N. Senhora; entre uma explicação e outra rezava, com o povo, o Pai-Nosso e as Ave-Marias, pedindo a N. Sra. que abençoasse as pregações para que fossem proveitosas. Assim é que se conseguiu a extinção da heresia e se firmou a maneira de se rezar o rosário (ou o terço).

Por que rezar o Rosário? — Nas linhas anteriores vimos que o terço de N. Sra. foi revelado para se conseguir a conversão e regeneração dos hereges albigenses; o que foi alcançado. Em algumas de suas aparições, principalmente em La Salette, em Lourdes e, de modo todo especial, em Fátima N. Senhora o confirmou e o recomendou insistentemente e várias vezes.

Como rezar o terço? — A questão não é a repetição de 5, 10 ou 15 dezenas de "Ave-Marias", 15 vezes o "Pai-Nosso" e o "Glória-ao-Pai". Para quem não tem devoção à Virgem ou não tem fé, isso deve ser monótono, molesto, enfadonho e até desagradável. Para quem ama, porém, será enfadonho ou desagradável repetir várias vezes cumprimentos e saudações à pessoa amada? E a pessoa amada ficará, porventura, aborrecida ao receber essas demonstrações de carinho e afeto, mesmo repetidas? Rosário é um conjunto ou coroa de rosas, que ofertamos a N. Senhora. Dependendo do nosso amor à Virgem, essas rosas serão grandes, vistosas e fragrantas; ou serão pequenas, mesquinhas e murchas. Como amamos nossa Mãe do Céu?

Para que rezar o terço? — N. Senhora pediu tantas vezes e com insistência que o rezássemos, todos os dias, pela conversão dos pecadores; pela santa Igreja de Cristo; pela nossa santificação e santificação do clero; pelo Santo Padre, o Papa. Rezá-lo-emos todos os dias, com fé, com humildade e devoção, para que Deus, por meio de Maria, conceda o triunfo completo e definitivo da verdade e da fé: "Ela esmagará tua cabeça"; para que se cumpra a promessa de Cristo: "As portas do inferno não prevalecerão contra ela (a Igreja)".

MISSÃO HOJE

Pe. Mauro Baptista, SVD

O empenho missionário será sempre anunciar a Justiça do Reino, fundar comunidades comprometidas com a Verdade, a Liberdade e o Amor.

Introdução

Há uma tradição, na Igreja Católica, de dar a alguns meses uma característica especial. Maio, por exemplo, é o mês de Maria, setembro, mês da Bíblia, e assim outros meses. Outubro, tradicionalmente, é, além do mês do Rosário, o mês das Missões.

Embora o tema missionário seja algo profundamente essencial à vida cristã, não há dúvida, em outubro se dá a ele um toque de maior realce. Assumir a tarefa missionária é pôr-se em íntima sintonia com a vida e a missão de Jesus.

Missão de Cristo

Há passagens marcantes no Evangelho, em que Jesus assinala com firmeza o sentido de sua vida e missão, neste mundo. Seu programa de anúncio do Reino de Deus, de salvação e libertação do homem, é assinalado, de modo forte, no evangelho de Lucas, no capítulo 4, 18-19: "O Espírito do Senhor repousa sobre mim; pelo que me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me a sarar os corações contritos, a anunciar aos cativos a redenção, aos cegos a recuperação da vista, a pôr em liberdade os oprimidos e a pregar o ano da graça do Senhor". O Reino de Jesus Cristo é o Reino da Justiça, onde as relações entre os homens os transformam em filhos de Deus, irmãos entre si e senhores da natureza. Salvar e libertar o homem, na missão de Jesus Cristo, é arrancar de sua vida, de suas relações, das estruturas existentes, pessoais e sociais, tudo aquilo que o torna alienado, distante de si, dos outros e de Deus. Jesus quer fazer-nos de todos "verdadeiros" homens, não alienados ou escravizados, mas que se abram com gratidão à graça da filiação divina.

Missão da Igreja

Seguir a Jesus é participar de sua missão. A Igreja é a comunidade daqueles que, chamados pela graça, vivem sua fé, na participação da Missão de Jesus.

Através dos séculos, de modos variados, essa Comunidade Cristã deu continuidade à missão de Cristo. Sem dúvida, essa missão, confiada a homens e mulheres, com sua fragilidade, foi marcada de dedicação, generosidade, martírios e luzes, mas também com covardias, egoísmos pessoais e grupais, e sombras. A Missão, como a Igreja, é também "santa e pecadora".

Porém, a linha mestra desse empenho missionário será sempre anunciar a Justiça do Reino, fundar comunidades comprometidas com a Verdade, a Liberdade e o Amor. A Missão será sempre, fundamentalmente, profética: denunciará as opressões, os esmagamentos e as alienações, presentes na vida pessoal, nas estruturas religiosas, econômicas, políticas, culturais e sociais. A Missão terá sempre a finalidade de despertar o sentido "eucarístico", isto é, de agradecimento comprometido com a graça de Deus, que a nós se comunicou com a Encarnação de seu Filho.

Toda a Igreja é missionária: nas comunidades de base, onde homens e mulheres convivem na solidariedade e no amor, nas paróquias, nas dioceses, onde a ordem de Cristo "Ide e Ensinai" se transformou em compromisso de vida.

A OUTRA FACE DE UM SANTO

Pe. Elias Leite

Dia 24 de outubro. *Santo Antônio Maria Claret.*

Figura extraordinária de homem e de santo. Personalidade marcante pela sua atuação na Igreja do seu tempo. Gigante da palavra. Missionário incansável e fundador de congregações missionárias. Escritor fecundo, publicista e publicitário das coisas de Deus. Homem de atividade espantosa nas mais variadas áreas de evangelização. Arcebispo de Cuba, transformou a ilha no aspecto religioso e social. Diretor espiritual da rainha da Espanha e Padre conciliar do Vaticano I. Perseguido, caluniado, morre exilado na França, longe dos amigos, mas perto de Deus, no mosteiro de Fontfroide, feito santo.

Dois grandes forças espirituais impulsionavam sua vida apostólica: Jesus no sacramento da Eucaristia e Maria Santíssima, na devoção do Rosário que ele divulgava com piedosa obsessão. A oração fervorosa e contínua constituía o alimento espiritual do seu zelo de apóstolo, e no intenso e paciente contato com o povo.

Sob esta perspectiva apenas, Antônio Claret pode parecer-nos um homem austero, até sério demais. Confirmando um falso conceito que geralmente temos dos Santos de Deus.

Há, porém, a outra face de Claret. O Homem. "El padrecito", como carinhosamente o chamava o povo humilde. Homem bondoso, afável, gorducho na sua pequena estatura, 1,54, moreno, cabelos castanhos e olhos grandes, sempre com um sorriso bom que lhe vinha da alma.

Inteligência rara, ativo por temperamento, era também emotivo ao extremo, como bem se pode perceber dos seus escritos, notadamente correspondências e orações. A natureza, os animais, a criança, o velho, o enfermo e o pobre eram donos do seu coração. E, contudo, ou por isso mesmo, era um homem bem-humorado, expressivamente alegre.

Como definindo sua fisionomia interior, costumava rimar na língua materna, o catalão, em tom de grace-

jo: *Antón Claret, contentet, pobret, alegret.* Antônio Claret, contente, pobre, alegre. Alegre por temperamento e pela paz do seu coração, fruto da intimidade com Deus na oração vivenciada. Outras vezes brincava: "me chamo Claret e gosto de falar claro". O que bem justificava sua fraqueza habitual.

A um amigo muito íntimo, com o qual mantinha assídua correspondência, quando este lhe escreveu depois de dois meses, desculpando-se de não lhe ter dado resposta a várias cartas, Claret lhe devolveia o humor: "Você me disse outro dia, aliás, "in illo tempore" (naquele tempo), que o demônio da avareza tinha engolido as cartas que me escrevera. Não sei se este demônio vai continuar com a mesma gula, ou se vai ser outro diabo, talvez o da preguiça, que venha querer imitá-lo... Louvado seja Deus!"

Quando ia a Barcelona, costumava hospedar-se na casa de um sacerdote amigo seu, que morava com uma sobrinha de nome Rosa e uma sua irmã chamada Margarida, já idosa e de gênio muito forte. O padre Claret devia ter muita intimidade com a família anfitriã, porque, certa feita, por motivos domésticos, tia e sobrinha pegaram uma acalorada discussão diante dele, quando, às tantas, o bem-humorado hóspede resolve cortar o entrevero, exclamando: "Valha-me Deus! por que será que todas as velhas têm que ser resmungonas?! Deviam ter um cadeadozinho na boca pra não falar tanto!" E outras vezes, quando voltava àquela casa, costumava cumprimentar alegremente a tia Margarida e logo perguntava: "Então, como está hoje a atmosfera?" Ela nunca levava a mal, sorria também e, como gostava muito do padre Claret, para o jantar caprichava na sopa, na intenção do agrado. E cada vez, o santo lhe repetia sorrindo: "Podem esperar que, na hora da morte, vou pagar a vocês estas sopas gostosas..."

Estando em Roma, quando tentava trabalhar nas Missões de infieis, hospedou-se com os padres je-

suítas e teve a sorte de ocupar um quarto vizinho ao aposento onde morreu e faleceu São Francisco de Borja. Padre Claret, olhando aquela peça histórica e reliquial do grande Santo, exclamava: "Bem que este bendito Santo podia me passar nem que fosse só a poeira..."

Sua maneira jovial de tratar as pessoas o tornava muito simpático a todos que dele se aproximavam. Conta-se que um seu amigo, o Pe. Balta, muito inteligente, latinista exímio e não menos exímio apreciador de chocolate, numa visita que fez ao padre Claret, este lhe fez servir um saboroso e fumegante chocolate. Na despedida, pergunta-lhe Claret: "Que tal o chocolate, Pe. Balta?" O padre, fazendo-lhe graciosa reverência, responde: "*Excelentíssimo, Ilustríssimo e Reverendíssimo Senhor*". O padre Claret, então arcebispo, achou muita graça da boa tirada. Na próxima visita que lhe voltou a fazer o Pe. Balta, o padre Claret mandou preparar-lhe um chocolate bem fraquinho. À saída, brincou o santo arcebispo: "Que tal o chocolate, Pe. Balta?" A resposta veio em cima: "Como V. Excia., senhor *Claret e Clará*".

Sabia usar seu senso de humor também no espiritual. Foi assim que, na resposta a uma carta a seu amigo padre Barjau, que se lhe havia queixado de muita tristeza por estar longe dos familiares, Claret, entre outras coisas, lhe dizia: "Eu sei que você é muito chorão, mas estou certo de que, se você se puser nos braços de sua mãe e minha, a Virgem Maria, ficará alegre. Recordo-me de Frei Junípero que, vendo chorar seu padre Superior, por sinal muito gordo, disse-lhe com ingênua simplicidade: "Não chore, padre, porque aos padres gordos não lhes fica bem chorar. Fazem uma cara tão feia!" por isso, eu e você, que somos gordos, não podemos chorar, a não ser pelos nossos pecados. Mas devemos estar sempre alegres no Senhor".

Aqui estão alguns traços curiosos que revelam o lado humorístico da personalidade desse grande missionário, que sabia colorir suas atividades apostólicas e o sério de sua espiritualidade com o sadio bom humor do homem que vê a verdadeira imagem de Deus nos olhos de seus irmãos. São assim os Santos. •

O menino e os balões

José Wanderley Dias

A aspiração de liberdade e de ascensão que vive no íntimo do ser humano.

— Para Mena e Pedro Alípio —

As crianças, os merinos especialmente, têm afinidade para com os balões.

Muito mais para com os multicoloridos.

O garoto, assim, se embevecia com eles.

Olhava-os. Sentia-se irmão deles. Na atração pelo alto.

Na ânsia de subir, de voar, de ir para acima da nuvem.

Balões coloridos. Representação onírica talvez. De imaginação, sempre.

O balão não pára. A infância também não pára.

O balão parece viver. É quando somos crianças que a vida parece estuar ainda mais. Balões e pensamentos infantis voam.

O garoto e os balões. Cada um deles um castelo voador.

Cheio de esperanças. Entregue às asas do vento. Subindo com elas ao infinito.

Balões de muitas cores. Com significado próprio.

Azul. Azul como o céu. Há uma afinidade entre quem é pequeno e o espaço sem fim, entre o garoto e o infinito que é também azul, muito azul.

Os balões sobem. A criança aplaude e sorri.

Parece que algo de si sobe também.

O balão amarelo. Cor de sol. A alma do menino também é cor de sol, é límpida, tem calor.

O balão sobe ligeiro, alígero, rápido.

O pensamento do garoto sobe com ele.

Vai-se a primeira pomba despertada, diria o poeta.

Sobe o primeiro balão, vê e pensa o garoto.

E mais um e mais outro. E mais outro e mais um.

O sorriso acompanha cada bola colorida que ganha a amplidão. Alça-se para acima do vento o balão cor-de-rosa.

A alma da criança também resce a rosa. É a pétala humana, de frescor sem igual. O balão vai subindo, subindo.

O menino vai sonhando.

E depois outro balão... Verde... De matiz igual ao da clorofila, do bosque, da planta... O menino se sente bem entre tudo o que é verde, entre tudo o que é esperança.

Agora, esta toma a forma de um balão e sobe... Vai mergulhando para cima... Vai afundando no alto...

Bãobalalão... Canções infantis para aplaudir os balões que sobem...

Que é que acontece quando chegam lá em cima, lá no além do além?

O menino imagina que se transformam em pontos de luz, em estrelas de muitas cores...

Lá em cima, suas cores são ainda mais vivas... Cada um deles é um incomparável arco-íris em forma de globo, que tem todos os matizes que o sol desenha nos prismas d'água...

Balões brancos... azuis... amarelos... verdes... róseos... violeta... indigo...

Os balões são feitos para as crianças... Porque transportam os seus pensamentos, porque se elevam com a sua pureza...

Chega um instante em que todos os balões subiram...

O garoto tem os olhos d'alma para ver a subida dos bações e, mais ainda, para ver aonde chegam e em que se transformam na imensidão...

Agora, chega a vez do garoto, dele mesmo, em pessoa subir...

E ele sobe...

Precisamos ter os olhos de criança para entender por que foi que ele subiu...

Porque tinha de ir para a companhia de seus balões que não caíram ao chão e nele não se sujaram, mas que ganharam impulso com a nuvem e com o vento...

O menino sobe... Para vermos que ele sobe, precisamos fechar os olhos. Olhar para dentro... Com esperança, com pronunciada certeza...

A mesma que ele tinha, em sua inocência, de que os balões subiriam para o mais alto de todos, para a altura das alturas...

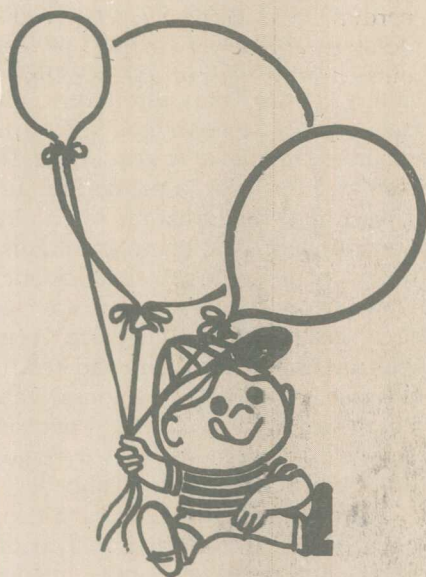
É lá que ele está... Companheiro de seus balões... Também transformado em ponto de luz... Em estrela... Em caminheiro da via Láctea...

Livre como os balões... Liberto como o vento... Colorido como os globos de tantas cores...

E nas estrelas que o encontraremos, como foi entre as estrelas que ele reencontrou os seus balões...

O menino que subiu à sua busca e a seu reencontro...

Tal como o reencontraremos um dia...





ALÔ, CRIANÇA!

André Carbonera

Deixar as crianças serem crianças e viverem como crianças.

Incrível, mas estamos em outubro. Este mês é muito rico em datas e em comemorações.

Hoje, destacamos a CRIANÇA.

Crianças do meu país!... Que futuro as aguarda?... Espera-se que seja bem melhor do que o atual momento.

Pelo menos, sonhamos...

Enquanto isso, fico olhando para nosso mundo infantil.

Na tela da imaginação, despontam infindas imagens...

Vejo as crianças que não puderam nascer. Foram assassinadas, vil-

mente. E os criminosos continuam impunes... Lá, no céu, elas pedem justiça.

Observo os pequenos mortos por falta de comida. São milhares, milhões... Formam legião. O século vinte morrerá com este terrível "peso", em suas costas... Tanto espaço, tantas armas, tantos gastos inúteis, e tanta criança passando fome e morrendo!...

Percebo as crianças barrigudinhas, sujas, atiradas. Não têm roupas, chinelos, sapatos, brinquedos, escolas, assistência religiosa, moradia... Sofrem demasiadamente.

Um outro "filme" apresenta crianças desprezadas pelos pais, vendidas, comercializadas, abandonadas junto às portas das casas. Tristeza pura!

O "cinema" prossegue, algo mais otimista.

Constato a presença de meninos e meninas melhor cuidados, bem nutridos, limpos, vestidos.

Há mais vivacidade. Mais disposição. Mais alegria. Maior aproveitamento intelectual. Melhor saúde. Crescimento normal.

Estas crianças revelam mais afeto e mais carinho, porque mais amadas. Sentem-se protegidas e amparadas. São tratadas como pessoas. E valorizadas.

A "fita" nos transporta às escolas, às praças, às ruas.

Há muita correria, gritos, jogos, brinquedos, folguedos...

Os closes dos rostos pueris encantam. Trecalam um mar de pureza e de paz. Num mundo dominado pelo erotismo, como faz bem contemplar a face inocente das crianças! Mais aspectos são apresentados. Por exemplo, a religiosidade infantil. Os pequenos não têm vergonha de Deus. Eles gostam do Papai e da Mãe do céu. Eles rezam. Eles cantam. E com muito entusiasmo. Lamentavelmente, muitos "grandes" procuram apagar a idéia de Deus existente no coração meninil. Tiram sarro. Gozam dos pequenos. Tentam destruir o que o Senhor erigiu. Hediondo crime!

Outra falha na educação: Ensinar, às crianças, palavões, besteiras, bobagens. "Uma gracinha", comentam. E com orgulho. Onde estamos? Tem-se a impressão de que as crianças nunca serão jovens, moços, adultos e idosos... Por que não deixar que as crianças sejam crianças e vivam como crianças?

Em certa ocasião, uma criança procurou o Pe. Zezinho, o cantor. Perguntou: "Pe. Zezinho, o que é preciso, para ser feliz?" Pe. Zezinho, cantando, respondeu: "Amar, como Jesus amou. Sonhar, como Jesus sonhou. Pensar, como Jesus pensou. Viver, como Jesus viveu. Sentir o que Jesus sentia. Sorrir, como Jesus sorria, e ao chegar ao fim do dia, eu sei que eu dormiria MUITO MAIS FELIZ".

Pintura de conselho! Sensacional! Como diz aquela música sertaneja: ASSINO COM X. Ou seja, faço minhas as palavras do colega Zezinho.

Deus queira que nunca falte o olhar puro, simples e meigo da criança!

E viva a CRIANÇADA!

Fim.



O QUE É UM MENINO

Regina (PLADEN — Campinas)

Um menino é uma criatura mágica que tudo transforma com as palavras mágicas: Alô, papai!

Entre a inocência da infância e a compostura da maturidade há uma deliciosa criatura chamada menino.

Embora se apresentem em tamanhos, pesos e cores sortidos, todos os meninos têm o mesmo credo: aproveitar cada segundo de cada minuto de todas as horas de todos os dias e protestar ruidosamente (o barulho é sua única arma) quando seu último minuto é decretado e os adultos os empacotam e os metem na cama.

Meninos são encontrados em todas as partes: em cima de, embaixo de, dentro de, subindo em, balançando-se no, correndo em volta de, pulando para.

As mães os adoram, as meninas os odeiam, irmão e irmã mais velhos os suportam, adultos os ignoram, o céu os protege. Um menino é a Verdade com o rosto sujo, a Beleza com

um corte no dedo, a Sabedoria com um chiclete no cabelo, a Esperança do futuro com uma rã no bolso.

Quando você está ocupado, um menino é um conversa-fiada intrometido e amolante. Quando você deseja que ele cause boa impressão, seu cérebro vira geléia, ou ele se transforma em uma criatura sádica e selvagem empenhada em desmontar o mundo ao seu redor.

Um menino é um híbrido: o apetite de um cavalo, a disposição de um engole-espadas, a energia de uma bomba atômica de bolso, a curiosidade de um gato, os pulmões de um ditador, a imaginação de um Júlio Verne, o retraimento de uma violeta, o entusiasmo de um bombeiro — e quando se mete a fazer alguma coisa é como se tivesse cinco polegares em cada mão.

Gosta de sorvete, canivetes, ser-

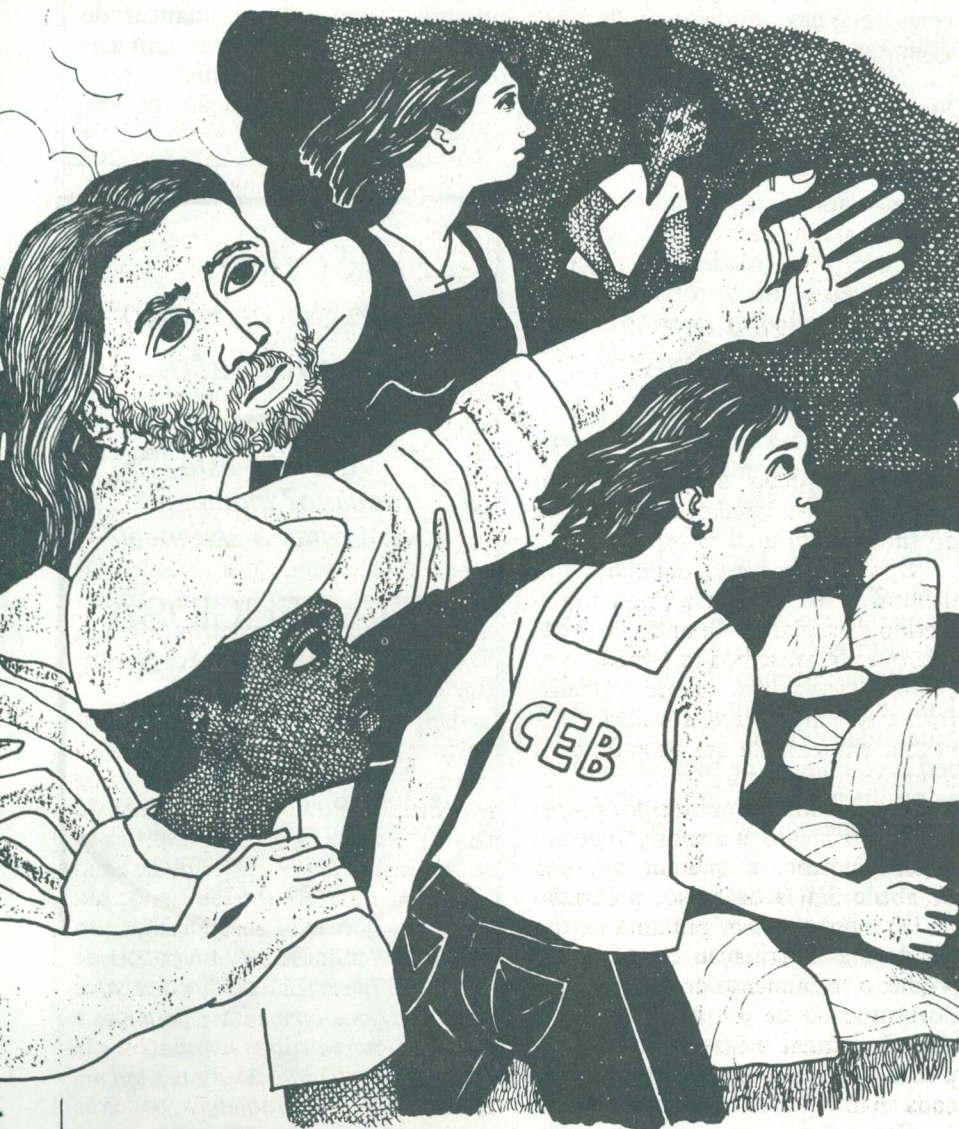
rotes, pedaços de pau, água (no seu “habitat” natural), bichos grandes, papai, sábados, domingos e feriados, mangueiras de água. Não é partidário de catecismo, escolas, livros sem figuras, lições de música, colarinhos, barbeiros, meninas, agasalhos, adultos e “hora de dormir”.

Ninguém se levanta tão cedo, nem chega tão tarde para o jantar. Ninguém se diverte tanto com árvores, cachorros e mosquitos. Ninguém mais é capaz de meter num único bolso um canivete enferrujado, uma maçã comida pela metade, um metro e meio de barbante, um saco de matéria plástica, duas pastilhas de chiclete, três notas de um cruzeiro, um estilingue e um fragmento de “substância ignorada”.

Um menino é uma criatura mágica: você pode mantê-lo fora do seu escritório, mas não pode expulsá-lo de seu coração. Pode pô-lo para fora da sala de visitas, mas não pode tirá-lo de sua mente. Queira ou não, ele é seu captor, seu carcereiro, seu dono, seu patrão — um cara sarapintado, um nanico, um mata-gatos, um pacote de encrencas. Mas quando à noite você chega em casa, com suas esperanças e seus sonhos reduzidos a pedaços, ele possui a magia de soldá-los em um segundo, pronunciando duas palavras somente: “Alô, papai!”... •

A missão de Jesus e da comunidade cristã (Mc 6,7-13)

Alceu Luiz Orso



O projeto de missionário,
o revelador,
o gesto definitivo
do Pai é Cristo.

1. ESTRUTURA

No desenvolvimento deste tema tomarei como texto base Mc 6,7-13, embora haja mais dois textos paralelos (Mt 10,5-15 e Lc 9,1-6).

Nos capítulos 1-6 do evangelho de Marcos podemos dividir o ministério de Jesus em três partes:

a) Mc 1,14-3,6: é a fase em que reúne a comunidade cristã (1,16-20; 2,13-14).

b) Mc 3,6-6,6a: Jesus introduz a comunidade na comunhão e compreensão do conteúdo da palavra e da ação de Jesus (4,1-5,43).

c) Mc 6,6b-13: a comunidade cristã é colocada na continuação da missão de Jesus.

Este texto (Mc 6,7-13), que descreve a missão dos doze, serviu como modelo e paradigma na elaboração da atividade de Jesus. Fazendo uma comparação deste texto (6,7-13) com os dados anteriores deste evangelho, constatamos que:

a) Os doze receberam de Jesus o poder sobre os maus espíritos (6,7; cf. 1,27; 3,15).

b) Jesus não foi bem recebido em Nazaré (6,1-6); o mesmo pode se dar com os apóstolos (6,11).

c) Jesus prega a conversão (1,14-15); os apóstolos, também (6,12).

d) Jesus expulsou demônios (3,22); os apóstolos, também (6,13a).

e) Jesus curou doentes (6,5b); os apóstolos fazem o mesmo (6,13b).

Portanto, a atividade da comunidade cristã retoma e continua a missão de Jesus nas três modalidades: a) o apelo constante e intenso à conversão (6,12; 1,14-15). b) Expulsão dos demônios (6,13a; 1,27.34; 3,15; 5,8). c) A cura dos doentes (6,13b; 1,34; 6,5b).

2. CONTEÚDO

O texto Mc 6,7-13 podemos dividi-lo em três seqüências:

a) V. 7. *É a missão dos Doze.* Jesus os chama, os envia e lhes dá autoridade sobre os espíritos imundos. O autor procura não tanto descrever um episódio passado, mas quer apresentar pistas para a comunidade cristã, como ela pode ser uma verdadeira e autêntica comunidade missionária. A *vocação* missionária se origina: por ser *enviada* em missão, por sentir-se *chamada* pelo próprio Jesus no seu seguimento e comunhão, pela *percepção* que emerge na compreensão do que significa a missão de Jesus. Esta missão deve ser realizada por toda a comunidade. Desta forma o missionário não age sozinho, mas em grupo, pelo menos em duas pessoas, conforme o uso judaico (Lc 7,58; Jo 1,37) e se tornou praxe na Igreja primitiva (At 13,2.4; 8,14; 15,39; 1Cor 9,6). Porém, por outro lado, *pregar* não é só realizar uma instrução teórica, mas concretizar um anúncio que consiga destruir o mal, personificado pelos espíritos imundos, por tudo aquilo que divide e aliena o ser humano.

b) vv. 8-11. *As recomendações que Jesus faz aos Doze.* A partida dos Doze é diferente dos viajantes comuns, que carregam consigo pão, mochila, dinheiro, duas túnicas. Marcos faz duas exceções que não se encontram em Mt e Lc, que os missionários podem levar cajado e calçar sandálias. Isto porque na visão do evangelista as duas coisas podem facilitar a missão, que é longa e difícil, abrange o mundo, exige tais recursos.

A missão é uma tarefa: é colocar os homens num confronto com a palavra e ação de Jesus; é levar os homens a um questionamento sério a respeito do modo de viver da sociedade; é levar os homens a uma opção decisiva que acarrete uma mudança, conversão nas idéias e no modo de viver.

O fundamento da missão é a fé em Jesus Cristo. A rejeição ou aceitação do anúncio não é da responsabilidade dos missionários, mas o do encontro da liberdade que está no coração dos homens com Jesus Cristo. Se porventura o anúncio for rejeitado, a comunidade através do gesto

“sacudir o pó das sandálias” deve mostrar aos homens que estão entregues à própria sorte. Este gesto testemunha que não há mais nada em comum, é uma ruptura e recusa, não há mais comunhão entre os que anunciaram e os que rejeitaram.

c) vv. 12-13. *A ação dos Doze.* Nesta execução frisa os três elementos que mostram a continuidade do ministério de Jesus: conversão, expulsão dos demônios, cura dos enfermos. Deve-se salientar aqui uma comunidade a caminho, sem determinar lugar nem duração.

3. MENSAGEM

Diante de um mundo que se nos apresenta num pluralismo de idéias, cada dia surgem novos profetas, estabelece-se o diálogo com os diversos humanismos e religiões, cria-se a convivência com pessoas das mais diversas religiões. Cada qual deve-se perguntar: Por que Cristo veio ao mundo? Para que serve a Igreja? Qual o papel do cristão, hoje? Vou tentar apresentar alguns elementos para estas interrogações.

Deus apresenta um projeto ao homem: a liberdade, a salvação, a dignidade, a felicidade. Este projeto desenvolveu-se na história e culminou com o envio do próprio Filho, Jesus Cristo. E isto é confirmado pelo evangelista João: “De tal modo Deus amou o mundo, que lhe deu seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (3,16). Jesus é o projeto, o revelador, o missionário, o gesto definitivo do Pai. Ele veio para dar a vista aos cegos, o ouvido aos surdos, a esperança aos desesperados, vida aos mortos, o pão aos famintos... Ele veio nos comunicar uma nova ordem de justiça ao mundo, o amor, a fraternidade, a paz... Procurou libertar os homens de tudo aquilo que os oprimem: ódio, egoísmo, violência, sofrimento, morte, pecado...

Se tomarmos o documento do papa Paulo VI (*Evangelii Nuntiandi*, nº 14), encontramos que “Evangelizar é missão essencial, a vocação própria, a identidade da Igreja”. Portanto, não é privilégio dos bispos, padres, religiosos. Mas é de todo o povo de Deus. Ele é convocado a levar a todos os homens de todos os tempos e lugares o Evangelho.

Através dos sacramentos do batismo e da confirmação somos convocados a sermos sinal e porta-vozes do Reino.

Ser cristão não é questão de moda, sentimento, mas é entrega, opção, testemunho... Não basta sermos batizados:

a) mas é preciso viver esse batismo; b) é preciso lutar contra os “demônios” que destroem a dignidade da pessoa humana: egoísmo, idolatria do poder, sexo, lucro, exploração, injustiça...; c) é preciso testemunhar a serviço do homem, de um mundo mais justo, em que não haja crianças desamparadas, que não haja jovens sem preparação para o futuro, que não haja lavradores sem terra, que não haja trabalhadores sem emprego, que não haja sistemas que explorem o homem pelo homem, que não haja mais corrupção... d) é preciso que através do testemunho provoque conversão, mudanças de vida, mentalidades, valores, ambientes... e) é preciso testemunhar uma vida despojada de ambição, proveitos, privilégios... •

*Senhor,
o nosso coração
está inquieto...*

(S. Agostinho)

*Você não está
inquieto? inquieta?
Jovem, qual o seu ideal?*

**VIDA RELIGIOSA
AGOSTINIANA:**

- Vida de oração
- Comunidade Fraterna
- Serviço ao povo de Deus: evangelização, educação, promoção humana, missão, CEBs.

INFORMAÇÕES EM NOSSO
SECRETARIADO VOCACIONAL

Irmãs Agostinianas Missionárias
Padres Agostinianos

R. Eng. Figueiredo, 31 - Vila Mariana

04012 - São Paulo - SP

Fone: (011) 571-8959



Jesus, algo mais que uma ilusão

José Cristo Rey Garcia Paredes

(José Cristo Rey Paredes é sacerdote claretiano, professor do "Studium Theologicum" de Curitiba, PR).

Neste contexto, com sua pregação do amor universal, com suas palavras de perdão, com os traços característicos de sua vida, com sua influência na vida de outros homens, com sua morte e ressurreição, Jesus Cristo dá uma resposta. Sua palavra tranqüiliza mais que as sessões dos psiquiatras; sua ação é mais revolucionária do que as reformas dos políticos... Sem Jesus, o homem é menos homem, o mundo desemboca no absurdo, o paraíso do futuro é pura imaginação.

A PERGUNTA POR JESUS — UMA DECISÃO

As perguntas que os homens em sua história se fazem sobre este personagem, ao mesmo tempo intrigante e misterioso, que é Jesus de Nazaré, não são perguntas meramente teóricas ou frias. Sua personalidade chegou a calar tão fundo nos homens que muitos se perguntam se Jesus não é um mito, uma ilusão para acalmar nossa profunda e inquietante dor. Jesus seria a resposta a um desejo pressentido de há muitos séculos; ameaça-nos, porém, a incógnita sobre saber se sua figura e sua mensagem são reais, ou se é, pelo contrário, o mito dum desejo.

Aceitar ou não aceitar a Jesus, fazer uma pergunta sobre Ele ou rejeitá-la, não constitui então uma situação banal de cada homem; comporta, isto sim, uma *decisão*. Jesus foi um homem que se sentiu — errônea ou verdadeiramente — Deus e, fazendo-se homem com os homens, abriu novos regueiros para a humanidade e converteu-se numa instância iniludível na existência de cada homem. Perguntar-se a respeito de Jesus significa então incluir-se no círculo de ação de sua pessoa e de suas exigências, ou excluir-se desta esperança para o mundo. Estas posturas incisivas teriam o aval de suas próprias palavras: "Quem não está co-

migo, está contra mim. Quem comigo não recolhe, espalha" (Mt 12,30).

DUAS FORMAS DE CONHECER A JESUS

Hoje em dia, a pergunta em torno de Jesus talvez nos pareça exclusivamente uma indagação de curiosidade histórica. Desejaríamos conhecer os pormenores da vida desse personagem que tão presente tem estado no pensamento e no coração de muitos homens. Porém, justamente nossa curiosidade histórica não pode ser satisfeita em todas as suas exigências. Do *Jesus da história* conhecemos um certo número de coisas, mas é possí-

vel que não sejam tantas quantas imaginamos. Em nosso conhecimento do Jesus histórico temos que humilhar nossa mente e reconhecer que muitos acontecimentos de sua vida se apagaram com a morte daqueles que os presenciaram.

A lembrança de Jesus está presente no *Jesus da fé*. A nossa imagem eclesial de Jesus é determinada pela fé dos primeiros discípulos, é a imagem do assim chamado *Jesus da fé*. Jesus foi aceito por uns, rejeitado por outros. O Jesus que aparece nessa aceitação é o *Jesus da fé*. Nos evangelhos, vemos traçado antes de tudo o perfil do Jesus da fé da primitiva comunidade de cristãos. Os relatos de sua infância, de sua pregação, de seus milagres ou de sua paixão e ressurreição não têm como finalidade primacial satisfazer a nossa curiosidade histórica, na maneira como na atualidade compreendemos a história, mas visam expressar, de uma maneira mais precisa, os motivos para crer Nele e a forma concreta de fazê-lo.

Seja como for, a fé da comunidade primitiva em Jesus, seu Mestre, não foi uma fé legendária ou imaginativa; era, pelo contrário, uma fé apoiada no testemunho vivo de testemunhas oculares. Alguns deles presenciaram seu nascimento e infância;

muitos mais ouviram suas palavras e toda Jerusalém, inundada de peregrinos na festa da Páscoa, testemunhou sua trágica morte. Embora o Jesus da história nos deva interessar, São Paulo nos convida, porém, a não buscar com excessiva curiosidade na história: "Doravante a ninguém julgamos segundo a carne. Mesmo se conhecemos Cristo segundo a carne, agora já não o conhecemos assim" (2Cor 5,16). Depois de sua morte, Cristo adquire uma significação cósmica e universalmente humana: "Por isso Deus o enalteceu sobre todo homem" (Filip 2,9).

JESUS COMO RESPOSTA

O verdadeiro sentido de Jesus para o homem encontramos-lo então na série de problemas humanos aos quais Ele ofereceu uma saída com sua morte e ressurreição. Por isso ele é chamado *o Salvador, o Redentor*.

Neste contexto, com sua pregação do amor universal, com suas palavras de perdão, com os traços característicos de sua vida, com sua influência na vida de outros homens, com a sua morte e ressurreição, Jesus dá uma resposta. Sua palavra tranquiliza mais que as sessões dos psiquiatras, sua ação é mais revolucionária do que as reformas dos políticos.

Cristo é sobretudo resposta para

o problema no qual esbarra toda imaginação: *a morte*. Ele mesmo sentiu-se profundamente afetado por sua proximidade e por sua iniludível presença. Ele manteve, porém, sua esperança contra toda esperança. Teve a mesma sorte que os homens mais oprimidos de nosso mundo: aqueles que morrem precipitadamente porque a opressão converteu-se para eles em privação injustificada do direito de viver. Jesus sentiu-se escravo e oprimido nesta trágica situação. E, apesar de tudo, segurou bem alto o estandarte de sua dignidade, pois morreu dominando a quem acreditava dominá-lo; a cada momento, era Ele "que se entregava" (Jo 10,18). Na morte de Jesus o escravo se torna senhor da morte e dos que matam. Mas a solução que Jesus proporciona é insuspeitadamente superior. Ele teve a consciência viva de sua implacável vitória depois da morte: *Ressuscitarei!* E ressuscitou para continuar dando vida e prometendo um destino feliz, depois da morte, a todos os que creem Nele.

É Jesus uma ilusão? Há momentos em que a fé pode nos causar ilusões, mas essa ilusão pode transformar a humanidade. Sem Jesus o homem é menos homem, o mundo desemboca no absurdo, o paraíso do futuro é pura imaginação. •

OPINIÃO DOS LEITORES

A cada dois meses a Revista AVE MARIA publica artigos, cujas cópias são antecipadamente enviadas a alguns assinantes representativos da Revista. As respostas às questões sobre o tema do artigo serão computadas, bem como um resumo dos comentários e opiniões. Os leitores que só agora estão lendo o artigo e, contudo, também desejarem opinar sobre o mesmo, devem escrever para a REDAÇÃO, e suas opiniões serão publicadas no próximo número da Revista. Os interessados em receber os artigos antecipadamente também podem escrever-nos, solicitando cópias.

Os leitores que receberam antecipadamente o artigo "Jesus, algo mais que uma ilusão" assim se expressaram diante das 7 questões:

QUESTÕES

1. Você acredita que Cristo foi um mito, uma mera invenção da comunidade primitiva?

SIM 0,0% NÃO 100% INDIFERENTE 0,0%

2. Apenas aceitar o "Jesus da história" é suficiente para acreditarmos em sua existência na terra?

SIM 29,4% NÃO 70,6% INDIFERENTE 0,0%

3. A nossa imagem de Jesus é determinada pela fé dos primeiros discípulos. Jesus foi aceito por uns e rejeitado por outros. Jesus que aparece nessa aceitação é o Jesus da fé?

SIM 100% NÃO 0,0% INDIFERENTE 0,0%

4. Você acha que procurar uma excessiva curiosidade sobre Jesus, abalaria um pouco a nossa fé?

SIM 17,7% NÃO 82,3% INDIFERENTE 0,0%

5. Para nós, homens, a vida e as obras de Jesus são realmente resposta para os nossos problemas?

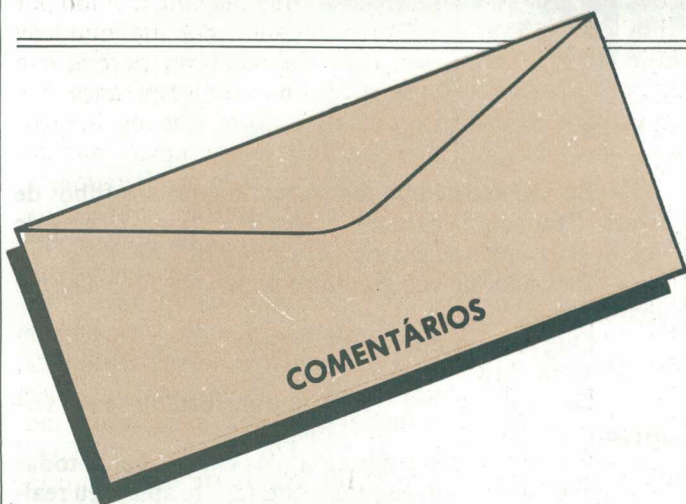
SIM 82,3% NÃO 6% INDIFERENTE 11,7%

6. Cristo teve consciência de sua missão, morte e ressurreição?

SIM 100% NÃO 0,0% INDIFERENTE 0,0%

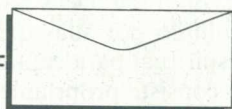
7. Jesus é uma ilusão?

SIM 0,0% NÃO 94% INDIFERENTE 6%



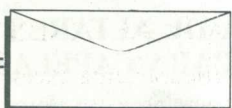
...Não temos dúvida de que em Jesus se realizaram todas as profecias. Que Ele é o Filho de Deus que nasceu, viveu e morreu para nos salvar. Que sua vida foi um modelo para nós. Que seus ensinamentos foram feitos, para toda hora, todos os dias, todos os anos e têm o milagre de não envelhecerem. Poderia isto acontecer se apenas quisermos nos tornar uns eruditos na história de Cristo.

*Esther Vicuña Bologna e Corina Ceribelli Morandi,
mais de 60 anos (professoras aposentadas),
Batatais, SP.*



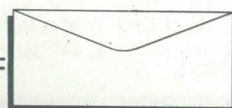
“Para mim a vida e as obras de Jesus não bastam porque precisamos trazer para nossa vida prática. Esta é a grande dificuldade: fazer de tudo isso vida. A Igreja ajuda muito pouco neste aspecto.

*Luíza Masiero Castellan (dona-de-casa),
Araraquara, SP.*



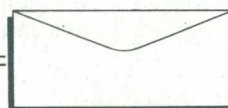
...Parabéns pela idéia! Assim, sim, é uma forma digna de roubar o tempo de quem não tem tempo para Deus.

*Maria José, 39 anos (dona-de-casa),
Espírito Santo do Pinhal, SP.*



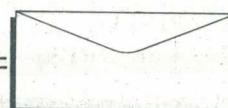
...Os homens poderão falhar, o sistema falir, a religião descambar, os líderes religiosos perderem a fé, a Igreja desmoronar, mas Cristo continua sendo a RESPOSTA, a Única Resposta da minha vida!

Alberto Silva, 48 anos, (militar), Santos, SP.



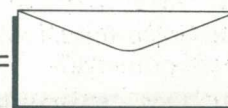
...Cristo sabia que nunca seria abandonado, sabia do valor de sua missão na terra, que era unir, através de seu sofrimento, seu amor, sua obediência, os homens ao reino dos céus. Se seguirmos o exemplo de Jesus, confiando em Deus Pai, entregando tudo que temos, tudo que não temos, mas que gostaríamos de ter, entregando nossas tristezas, alegrias, vitórias e derrotas. Se, todas às vezes em que cairmos por terra, tivermos a certeza de que a mão do Pai estará estendida para nos levantar e nos ajudar na nossa caminhada, não nos importando com outras quedras futuras — pois a mão Divina estará sempre ao nosso alcance —, viveremos felizes e conseguiremos transmitir esta felicidade a todos os que nos rodeiam.

*Dênio M. B. Simões, 40, (agropecuarista),
Pouso Alegre, MG.*



...Não me interessa saber se Cristo foi um astronauta, se veio de outro planeta ou se é apenas um profeta melhor que os outros. Creio em Cristo como única fonte de minha salvação: Entrei na sua barca por opção livre e consciente e vou até o fim. Se a barca for furada, quero submergir com Ele... Cristo não foi um revolucionário e muito menos o fundador de um movimento político-social de luta para libertar o homem da escravidão e da exploração de seu tempo. Por que querem destruir a fé?...

*Manoel Tavares Corrêa, 54, (advogado),
Lavras, MG.*



MOISÉS

Frederico Datler

Moisés foi o primeiro profeta ou porta-voz de Deus. A partir dele, até João Batista, não faltaram os homens de Deus em Israel. "Javé, teu Deus, suscitará em teu favor um profeta saído das tuas fileiras, um dos teus irmãos, como eu. É a ele que escutarás" (Dt 18,15).

O profeta costumava ser convocado direta e imediatamente por Deus. Uma intervenção divina na vida do homem escolhido; da parte do homem, uma experiência pessoal que criou nele uma convicção inabalável:

Eu fui chamado;

Eu falo em nome de Deus;

Eu direi o que Deus me inspirar na hora precisa.

MOISÉS QUIS TIRAR O CORPO FORA (Ex 3 e 4)

Deus chamou-o do meio da sarça ardente:

— Moisés, Moisés!

— Pronto!

— Não te aproximes daqui, tira as sandálias porque o lugar em que te encontras é terra sagrada! Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó. Eu vi a miséria do meu povo no Egito e tenho ouvido o seu clamor por causa dos seus opressores. Vai, que Eu te envio ao faraó para que tires o meu povo, os filhos de Israel.

— Quem sou eu para ir ter com o faraó e tirar os filhos de Israel do Egito?

— Eu estarei contigo...!

— Quando eu for com os filhos de Israel e lhes disser que o Deus de seus pais me enviou para junto deles, e se me perguntarem qual é o seu nome, que lhes responderei?

— Eu sou aquele que sou. Assim falarás aos filhos de Israel: "Eu sou" envia-me a vós. Foi Javé, o Deus de vossos pais, que me enviou para junto de vós.

— Eles não me vão escutar e dirão que Javé não me apareceu!

— Que tens na mão?

— Uma vara.

— Deita-a no chão! (E a vara transformou-se em serpente.)

— Estende a mão e agarra-a pela cauda! Farás todas estas coisas para te acreditarem que Javé te apareceu realmente.

— Ai, Javé, eu sou homem que não facilmente use a palavra; tenho uma boca e a língua embaraçadas.

— Quem deu a boca ao homem? Não sou Eu, Javé? Vai, pois, Eu estarei contigo quando falares e ensinar-te-ei o que hás de dizer.

— Ai, Javé, dai esta missão a outro qualquer!

— (Javé encolerizado): Não existe Aarão, teu irmão? Ele fala com muita facilidade. Falarás com ele e colocar-lhe-ás as palavras na boca. Quando falardes, Eu estarei convosco, com a tua boca e a boca dele e ensinar-vos-ei o que deveis fazer. Ele falará por ti ao povo, servir-te-á de boca e tu serás como que Deus para ele.

Moisés foi escolhido por suas qualidades de líder e por sua abertura espiritual para captar as inspirações divinas. É nisso que consiste propriamente o carisma profético. As deficiências oratórias foram contornadas com a colaboração do irmão. O verdadeiro inspirado e porta-voz de Javé ficou Moisés. De nada lhe adiantaram os pretextos para fugir da missão espinhosa. •

Bancos, altares e móveis para igrejas.

Diversos modelos.

Só fabricamos em embuia maciça de primeira qualidade, não trabalhamos com aglomerados ou compensados.

Só trabalhamos com madeira seca (com secagem de 3 a 5 anos).

Desfrutamos de maquinário moderno, técnica altamente especializada.

Venda direta da fábrica.

Transporte próprio.

Não aceitamos pagamentos adiantados, somente após a entrega.

Consulte-nos sem compromisso.

OBERTIME
OBERTIME



INDÚSTRIA DE BANCOS PARA IGREJA GENERAL CARNEIRO, PR

FÁBRICA DE ALTARES, BANCOS
E MÓVEIS PARA CAPELAS E IGREJAS



Peça catálogo ou um banco para demonstrações, ou solicite a visita de nosso representante.

Escritório, Depósito e Exposição:

R. Vieira de Moraes, 1237 - Aeroporto - CEP 04617 - São Paulo, SP.
Salas de 1 a 6 - (Fones: 241.1563, 241.1718, 447.2811, 447.2558 e 447.2136).
Fábrica: General Carneiro, PR



A terra é dom de Deus, conquistá-la é uma missão

Ana Valim

*“Eu vou criar um novo céu
e uma nova terra!*

*...Ali não se ouvirão mais soluços de
tristeza nem gritos de angústia.*

*Ali não haverá mais criança que morre
com poucos dias de vida, nem velho que
morre antes do tempo. Morrer aos cem
anos será morrer jovem e não chegar aos
cem anos será uma maldição!*

Construirão casas e nelas vão morar!

*Trabalharão a terra e comerão
o seu fruto. Já não vão construir para
que outro more, nem trabalhar a terra
para que outro coma! A vida dos filhos
do meu povo terá a duração da vida das
árvores e os meus eleitos vão poder dispor
do produto do seu próprio trabalho!
...Eles e os seus descendentes serão a raça
abençoada de Javé” (Isaías 65,17-23).*

Muita gente, muitos irmãos nos-
sos já deram sua vida para fazer
valer este “sonho” de que fala o pro-

feta Isaías, este “sonho” de Deus: a
vida plena do homem e da mulher. E
muitos continuam morrendo e ou-

tros tantos morrerão para que a vida
possa brotar em abundância. “Bem-
-aventurados os aflitos, porque serão

consolados... bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados"... Essa aflição e essa fome de justiça, que caracterizam a vida dos missionários do Reino de Deus, levaram Margarida Alves, da Paraíba, à morte, em 1983; assim como o padre Ezequiel Ramin, de Rondônia, no mês passado. Ambos empenhados na luta pela defesa dos fracos sem terra desse país e ambos assassinados pelos interesses dos grandes proprietários de terra.

Apesar disso, a luta continua, e nisto consiste a missão dos cristãos e dos homens em geral... "O Espírito do Senhor está sobre mim... para evangelizar os pobres, proclamar a redenção aos presos; dar vista aos cegos; restituir a liberdade aos oprimidos".

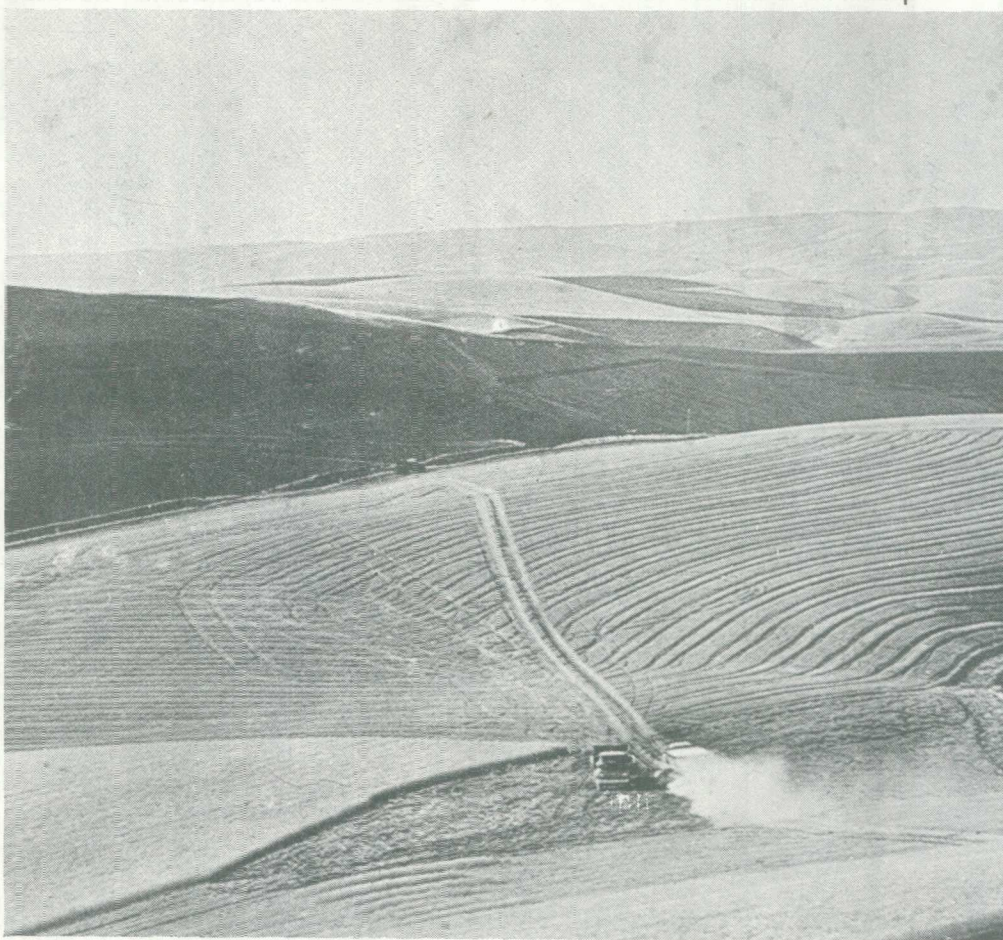
A Igreja e os cristãos, de modo particular, precisam levar a sério a proposta de Deus assim como Margarida, Ezequiel, Isaías, Amós, Pedro, Paulo, e tantos outros levaram, até com a própria vida.

E neste momento em que o governo da chamada Nova República acena com seu projeto tímido de Reforma Agrária, é preciso gritar alto que os jagunços dos grandes fazendeiros continuam matando, porém é preciso gritar mais alto ainda que os sem-terra estão se organizando.

"Brasiguaios" voltam à terra

A perseguição da polícia e das autoridades paraguaias aos agricultores brasileiros que vivem no Paraguai, os "brasiguaios", assim como o projeto de Reforma Agrária anunciado pelo governo Sarney, provocaram o retorno em massa de mais de mil famílias migrantes. Acampadas no município de Mundo Novo, Mato Grosso do Sul, aguardam soluções do governo brasileiro.

Promissão, cidade próxima a Andradina, no Estado de São Paulo, é outro exemplo de organização dos sem-terra. Na madrugada do dia 9 de maio passado, no município de Promissão, 32 famílias, com cerca de 150 pessoas, entre elas mais de 60 crianças, ocuparam uma área de 2.200 hectares da G.J. Agropecuária, de Homero Moreira, achando que eram terras da CESP. O latifundiário entrou na justiça com ação de



despejo e o juiz de Lins deu ganho de causa ao proprietário. Os oficiais de justiça vieram e os lavradores não saíram; 65 policiais militares no dia seguinte efetuaram o despejo. Com cantos e exigindo a Reforma Agrária, rezando e com a esperança de ter a terra para trabalhar, os lavradores acamparam em frente ao latifúndio, no quilômetro 154 da BR-153, ao lado da comunidade Nossa Senhora Aparecida. Hoje, depois de meses de acampamento, o governo continua prometendo e não cumprindo.

O movimento dos sem-terra, iniciado no Rio Grande do Sul, com a luta dos colonos de Ronda Alta, em 1981, atua hoje em 12 Estados brasileiros, apoiado e incentivado pela CPT-Comissão Pastoral de Terra.

Segundo Renê, da CPT de Andradina, a Comissão Pastoral da Terra é uma aliada dos trabalhadores sem-terra e os acampamentos uma forma de pressão para que a Reforma Agrária do governo, embora "uma proposta limitada," seja iniciada.

"O trabalho compensa — afirma Gilson, um bóia-fria de 37 anos, quatro filhos, acampado em Promis-

são. — Hoje a situação da gente dia por dia vem sempre caindo, a gente não tem mais condição de dar alimento para os filhos". Segundo Gilson, os próprios companheiros de trabalho criticam o acampamento, "influenciados pelos fazendeiros", e muitos têm medo de participar. Para ele "a briga vale a pena", porque "na vida que a gente vai levando não se tem sossego nem para morrer".

Reforma Agrária: um plano tímido, porém temido

Bastou o governo falar em Reforma Agrária para a reação pipocar entre os "contra" (latifundiários, industriais, políticos). É por isso mesmo que não bastarão discursos bonitos de planos bem elaborados do novo governo, porque a concretização deste projeto exige organização dos trabalhadores rurais e uma mudança radical na política agrária do País.

O Plano Nacional de Reforma Agrária tem como idéia principal despropriar os latifúndios que não estão produzindo em todo o Brasil,



vernos estaduais e federais são co-responsáveis pela violência no campo, e sobretudo pelos assassinatos, se não tomarem as medidas que estamos exigindo”.

As críticas dos contra

“Ai dos que planejam fazer o mal... apoderam-se das terras, roubam as casas dos pobres... a paciência do Senhor chegou ao fim” (Miquéias 2,1-3).

Embora os latifundiários no país representem 1% da sociedade brasileira, eles têm muita força. Por exemplo, existem 342 que são donos de área equivalente à ocupada pelos 2,5 milhões de famílias donos de pequenos proprietários, ou seja, 47 milhões de hectares. E é claro que a Reforma Agrária para eles não é uma boa saída para amenizar a miséria da maioria do povo. Também os latifundiários “botaram a boca no trombone” para convencer a opinião pública da “radicalidade” do Plano do governo. Afirmaram que não existem terras desocupadas, só que o próprio Incra informou que há 40 milhões de hectares sem nenhuma ocupação. Disseram ainda que o Plano dividirá a terra dos pequenos agricultores, e isso é exatamente o contrário do que diz o Estatuto da Terra; falaram mais: que a grande propriedade é mais produtiva. De acordo com o IBGE, a maior parte da produção do país vem das propriedades com menos de 100 hectares e menores de 50 hectares, até 40% do rebanho bovino e da pecuária estão nas propriedades com menos de 100 hectares. E os latifundiários prometem resistir de forma armada, embora, como assegurou na imprensa o próprio Ministro da Justiça, Fernando Lyra, “Eles não estão se armando, eles estão armados desde 1963, quando no governo João Goulart foi anunciado um plano de Reforma Agrária”.

Diante desta situação o Movimento dos Sem-Terra acredita que “A Reforma Agrária só sairá do papel e o Plano do governo só vai para a prática, se os trabalhadores rurais, sem terra, se organizarem. Se organizarem ainda mais no movimento Sem Terra e sindical, se organizarem para pressionar as desapropriações dos latifúndios, pois só com organização conquistaremos a terra e a Reforma Agrária”.

através da Lei do Estatuto da Terra. Assim, pagar os latifundiários, à vista, o valor das benfeitorias e 20% das terras, e os outros 80% pagos em notas promissórias (títulos das dívidas agrárias) durante o prazo de 20 anos. Não serão desapropriadas as grandes propriedades que estejam produzindo, as empresas rurais; as pequenas propriedades não serão mexidas.

O Plano promete assentar ainda neste ano 100 mil famílias de trabalhadores rurais sem terra, em média 5 mil por Estado. Com isso, em 1988, estarão assentados 550 mil famílias. É bom lembrar aqui que existem, hoje, no Brasil 6 milhões de famílias sem terra.

As desapropriações vão acontecer, segundo o Estatuto da Terra, seguindo as seguintes prioridades: incidência de conflitos pela posse da terra; incidência do complexo latifúndio/minifúndio; incidência de latifúndios, próximos a centros urbanos; incidência de grande número de sem-terras; ocorrência de obras públicas, como barragens, açudes ou uso inadequado das várzeas; existência de infra-estrutura de estrada, armazéns,

comércio por perto; as terras têm que ser boas para agricultura.

Áreas de conflitos

De acordo com dados da CPT, existem hoje no Brasil 820 áreas de conflito social envolvendo mais de 206 mil famílias e seis milhões de hectares. Segundo artigo do assessor do Movimento dos Sem-Terra e da CPT, João Pedro Stédile, na revista “Tempo e presença,” de julho/85, a violência policial e de empresários rurais tem aumentado nos governos do PMDB, no Estado do Pará e em Goiás. Só no ano passado foram assassinados 118 lavradores, a maioria líderes.

Diante da situação escabrosa de violência no campo, o Movimento dos Sem-Terra reivindica do governo exigências imediatas: segurança para o movimento e demais organizações de trabalhadores; apuração dos assassinatos e a punição dos mandantes; fim da intervenção policial nos casos de ocupação de terra; confisco imediato das terras dos mandantes dos crimes em favor das vítimas; e por fim “Consideramos que os go-



Quem é o missionário leigo?

Antoninho Tatto

O missionário leigo é um cristão que amadurece na oração e integra-se na pastoral da Igreja local.

Centenas de cartas nos chegaram e ainda chegam de pessoas desajustadas em desenvolver um trabalho missionário como leigos. Na grande maioria, trata-se de leigos com uma caminhada na Pastoral da Igreja.

Nos últimos anos tem aumentado muito o número daqueles que já não suportam ficar em estado passivo perante sua Igreja, vivendo sua vidinha de cristãos bem-comportados, sem mexer com a massa, sem ser fermento nela.

É um despertar que acontece principalmente dentro das Comunidades Eclesiais de Base, CEB's, onde buscam "uma nova forma de ser Igreja". Ou seja, uma Igreja onde cada um sente que pode e deve exercer o sacerdócio real de que nos fala São Pedro.

Constatamos, em mais de dez anos de experiências em CEB's, que

é medida que o leigo é ouvido, orientado e valorizado, doa-se ao extremo para ver acontecer o Reino. Sai da participação passiva, de funcionário a custo zero para o padre, e parte para uma participação de vida em todas as situações da comunidade. São jovens e adultos que, unidos à luz do Evangelho, querem transformar as estruturas injustas que envolvem todos os membros da comunidade.

Dentre os que se comprometem na caminhada de construção dessa nova "forma de ser Igreja", recuperando o resto do passado, estão os animadores das comunidades. Escolhidos, são vistos como orientadores, coordenadores, líderes cristãos. A cargo deles está a responsabilidade de animar a todos na comunidade para que vivam comprometidos com a verdade, buscando a justiça. É seu dever também conscientizar a união

em torno dos objetivos comuns. É tarefa prioritária do animador. Como elemento que auxilia o padre da paróquia a coordenar todas as áreas da pastoral da comunidade, ele garante a continuidade dos trabalhos, na ausência do sacerdote.

Sua escolha pela comunidade baseou-se em seus testemunhos de fé, em seus serviços junto à comunidade. Tendo surgido dela, é mais sensível aos seus problemas.

O padre é o orientador, o coordenador espiritual: o animador, é o exemplo do cristão leigo sempre presente para celebrar as angústias, os desesperos e todos os momentos bons que acontecem a cada um.

Enfim, o animador é da comunidade para a comunidade.

Faz já alguns anos que um novo tipo de colaborador surgiu nas Comunidades de Base. São os missionários leigos, chamados a evangelizar. Não são consagrados, não pertencem à hierarquia da Igreja. São leigos com vida normal de estudo, trabalho, vida familiar, social, mas que não se contentaram só com isso: buscaram maior comprometimento na Igreja, fazendo uma opção de vida.

A evangelização é a opção. Cada um, utilizando-se dos dons que recebeu. Assim, existem hoje missionários leigos músicos, comunicadores, escritores, poetas, cineastas, artistas plásticos, catequistas, pregadores e tantos outros. Há os que se dedicam à pastoral da juventude, trabalhando junto aos dependentes dos tóxicos e do álcool.

A questão continua no ar. Quem realmente é o missionário leigo?

Que faz de diferente de um agente de pastoral, de um animador de comunidade?

Eu diria que, fundamentalmente, ambos evangelizam, ambos anunciam Jesus Cristo Libertador. Tanto um como outro, têm a preocupação de levar o povo a libertar-se dos preconceitos opressores e das instituições injustas.

Tanto o animador como o missionário sentem que, ser Igreja, hoje, significa muito mais do que dizer amém.

Descobriram que o amém é o resultado final, a consequência da participação. O amém sem participação, sem esforço somado, é alienação, é repetição oca, sem expressão de vida.

Embora o animador e o missionário leigo tenham os mesmos objetivos e, muitas vezes, os mesmos espaços e instrumentos para evangelizar, há entre ambos uma grande diferença. A diferença está no comportamento de ambos.

O animador vive em função de sua comunidade, com visão para dentro dela. O missionário leigo vive para fora de sua comunidade. Olha sempre para fora. Sai de sua comunidade para evangelizar.

Enquanto o missionário leigo é enviado pela sua comunidade para evangelizar os que não pertencem à comunidade, os que não participam da vida da Igreja, os que não creem, o animador trabalha em seu ambiente, fortalecendo na fé os membros da própria comunidade de base: uma ação dentro de um determinado espaço, onde a maioria se conhece. O animador substitui o antigo colaborador, a zeladora, o rezador, somando novas tarefas, como presidir celebrações na ausência do padre, ser ministro da Eucaristia, do sacramento do batismo, do matrimônio, da unção dos enfermos. Não como uma espécie de "mini padre" que não é, e sim na qualidade de leigo revestido de um ministério.

O missionário leigo faz tudo isso; porém, fora da sua comunidade, ou seja, na comunidade para onde foi enviado, onde está como peregrino, provisoriamente. Na figura do missionário leigo, reflete-se a Igreja que caminha, que vai ao encontro de outras realidades. O missionário está permanentemente indo ao encontro de gentes desconhecidas para torná-las reconhecidas no juízo final, na grande hora do "vinde, benditos de meu Pai"...

Pelo que é possível observar, os missionários leigos nascem nas comunidades de base, são frutos delas. Surgem de vários movimentos de Igreja. Desenvolvem-se em suas comunidades, amadurecem, escutam o chamado a uma vida itinerante, ou seja, a viver a nova vocação de missionários leigos.

O missionário representa, dentro da comunidade, o verdadeiro sentido da Igreja, que é abrir-se, estar sempre atenta e sensível a todos os povos, em todas as situações. É ele o elemento renovador da comunidade porque, ao ser enviado como mis-

nário, leva consigo o sabor da comunidade que o envia e deixa para trás a consciência de que cada um é missionário, presente na missão que cumpre o enviado.

O missionário leigo é fruto de uma comunidade missionária. Partindo, ele é a expressão mais forte da consciência missionária da comunidade. É a manifestação da ação do Espírito Santo que anima aquela comunidade.

Quando tinha cinco anos, eu era coroinha numa dessas capelas do interior. O padre vinha celebrar missas algumas vezes ao ano. Para mim era sempre um grande dia. Depois de certo tempo, fui chamado pelo padre para ajudar como coroinha em outras capelas. Percebi, na época, que algumas catequistas acompanhavam o padre e ajudavam-no na viagem. Todos nós estávamos a serviço do padre.

Nosso trabalho não tinha uma conotação de escolha, de opção de vida. Era uma ajuda dada ao padre.

Hoje é diferente. O missionário leigo faz de sua missão uma opção de vida.

Sente que é chamado, impelido pelo Espírito Santo a realizar um trabalho que é seu, que não se confunde com o do missionário consagrado. O missionário leigo vai evangelizar carregando seu dom. Sua evangelização vai acontecendo de acordo com o carisma de cada grupo ou de cada um isoladamente.

O missionário leigo não é, de forma alguma, alguém que, de repente, passa a falar de Jesus e seu Evangelho conforme lhe vem à cabeça. É um cristão que amadureceu na oração e no estudo e que, em sintonia com as autoridades da Igreja, na maioria das vezes sob a orientação de um sacerdote coordenador — o diretor espiritual — acompanha a caminhada da Igreja na linha de frente. O missionário leigo integra-se na pastoral da Igreja local, colabora com seus conhecimentos, com sua disposição.

O fato novo, hoje, embora girando dentro das diretrizes da Igreja, é que os missionários leigos estão surgindo por si só, em toda a parte, e começam a organizar-se no exercício do "múnus sacerdotal". São leigos vivendo uma nova experiência dentro da Igreja: uma experiência de Igreja itinerante. •

JOVEM

JÁ PENSOU NO CAMINHO A SEGUIR? QUER SERVIR?



Quer ser gente que se preocupa com gente?
UMA SUGESTÃO...

Venha dar sua vida a Cristo na pessoa do irmão mais carente, do menor abandonado. Aqui as Irmãs, SEGUINDO São Francisco, pobre dos bens deste mundo, procuram viver o Evangelho de Cristo através de uma vida de oração, de pobreza, em dimensão de amor e serviço.

MAIS INFORMAÇÕES

Congregação das Irmãs Franciscanas de N. Senhora do Amparo.
Av. Roberto Silveira, 150
C.P. 90062
25.000 Petrópolis - RJ
Fone: 42-0868

Cinco leituras sobre libertação, à luz da "Catequese Renovada" da CNBB

José Penalva

O Reino de Deus começa aqui na terra e se consuma no céu.

2. REINO DE DEUS

Um dos núcleos do documento "Catequese Renovada" (CNBB, 83) encontra-se nesta lapidar afirmação: "O Reino de Deus é essa libertação de Deus como dom do Pai" (190). À margem, pois, de qualquer equívoco, o Reino é o objetivo de todo processo de libertação que, por sinal, é sempre um "dom do Pai". Reino e libertação, portanto, são conceitos intimamente correlativos, ininteligíveis, se isolados. Pergunte-mo-nos, então, o que não seja e o que seja o Reino, dom e libertação.

2.1. O que não é o Reino

Há realidades que, mesmo devendo interligar-se, mesmo sendo inseparáveis, não se identificam. "CR" nos adverte para o perigo de não distinguirmos convenientemente Reino, mundo, história e Igreja.

O mundo não é o Reino de Deus, podendo mesmo, como vimos, organizar-se contra o Reino (194). Por não ser o Reino, ele deve converter-se para ele, chamado como é para nele ingressar. Lembrando Paulo, o documento diz que o mundo deve ser cristificado. Portanto, ainda que devam interligar-se, a ordem temporal é distinta da espiritual, devendo aquela ser restaurada, transformando-se na nova criação (189, 193, 309).

A História também não se identifica com o Reino: ela deve ser levada com Cristo ao Reino de Deus. A História humana e a História da salvação não se identificam. Sem dúvida o

Reino está presente na História, passa por realizações históricas, mas não se esgota nem se confunde com elas (70, 163, 193, 252, 253).

A Igreja igualmente com ele não se identifica: ela o anuncia, é seu instrumento, sinal, germe e princípio; está a serviço dele, é dele inseparável, mas necessita continuamente de auto-evangelização, de conversão, de purificação. O Reino transcende a Igreja quanto aos seus limites visíveis, pois também se realiza no coração de quem se acha fora do seu ambiente perceptível (204, 221, 256).

2.2. O que é o Reino

O documento nos presenteia com esta estupenda tautologia: O Reino



de Deus "se realiza onde Deus está reinando" (204). É o óbvio, sem dúvida, mas, por incrível que pareça, esclarecedor. Só nos resta perguntar onde Deus está reinando e como.

"CR" assume Puebla quando prioriza o *aspecto pessoal e interior* do Reino, buscando aí suas "raízes": tudo o que é exterior é manifestação da dimensão interior, da dimensão do coração (193, 204, 205). Assim, as dimensões econômica, social e política são decorrentes da comunhão íntima que vem das raízes (202).

E em que consiste este aspecto pessoal e interior do Reino? O documento o define como a própria presença de Deus no homem, a presença de seu poder transformador, o vencimento do maligno, a redenção do pecado, a conversão que cria o novo homem no mundo novo; é a crença no Evangelho, a mudança no modo de pensar, a inserção sempre maior na comunhão do Deus Pai, Filho e Espírito Santo. A vocação do homem é precisamente entrar em comunhão com Deus em Jesus Cristo (185, 186, 191, 193). Desse aspecto primário deriva o segundo: a *comunhão fraterna*. E é assim porque a presença de Deus, de sua força transformadora, suscita uma doação desinteressada e sacrificada do amor que abraça a todos — ainda que privilegiando pequenos e fracos — numa fraternidade capaz de abrir um novo caminho na História (192). É a própria comunhão pessoal com Deus que se estende a todas as dimensões da vida, buscando novas formas de organização e estruturas de participação capazes de criar um tipo mais humano de sociedade (202). Desta maneira a mesma humanidade se torna templo vivo do Pai, Filho e Espírito Santo (202). O Reino de Cristo se realiza — o pensamento é de Puebla — quando nos tornamos Corpo Místico de Cristo, seu povo, povo de irmãos, unidos pelo amor (Puebla, 214). A propósito nos adverte "CR": "Nossas comunidades eclesiais devem testemunhar, sobretudo, que, sem uma comunhão com Deus em Jesus Cristo, qualquer outra forma de comunhão puramente humana acaba se tornando incapaz de sustentar-se e termina fatalmente voltando-se contra o próprio homem. É nisto justamente que o Reino de Deus encontra sua plena realização: a humanidade de cada pessoa como

templo de Deus Pai, Filho e Espírito Santo" (202). Entretanto, os desígnios de Deus vão mais longe, havendo mesmo um *aspecto cósmico* do Reino. Deus acalenta desde o princípio o sonho de uma "crístificação do cosmo e da história", quer dizer, a restauração de toda ordem temporal: esta graça inicia-se aqui e tem seu acabamento no último dia, na eternidade, graça não apenas redentora do pecado mas criadora que fará do universo um novo mundo (186).

"Esforçando-nos por viver as exigências do Reino... somos confirmados no amor de Deus e na bem-aventurança eterna. Nela viveremos em plenitude com Deus aquela vida que, em germe, agora procuramos viver com os irmãos" (245).

Este é o projeto libertador do Reino de Deus (214).

2.3. Construir o Reino

Por tudo o que acabamos de pensar, podemos dizer que a conversão ao Reino representa *um processo que não se encerra aqui na terra*, uma vez que passa por realizações históricas sem nunca nelas se esgotar nem com elas se identificar. Para Jesus o Reino começa aqui e se consoma no céu (190, 193).

A Eucaristia é memorial que torna o acontecimento salvífico presente à espera da realização futura do Reino (223). E aqui o documento volta a advertir: cautela com deixar-se enganar pelo ideal de construir um mundo utópico na terra ou com a alienação de sonhar apenas com a felicidade depois da morte (190).

Por outra parte, lembrando nossa complementariedade como membros do Corpo Místico, "CR" evoca passagem de Puebla segundo a qual *o Reino é construído complementarmente* (257). Alguns de nós têm o carisma do ministério que garante a presença atuante de Cristo pela sua palavra, pela liturgia, pela Eucaristia, pelo governo eclesial; outros afixam essa presença como religiosos na radicalidade da entrega pela virgindade, celibato, obediência e simplicidade de vida; outros, como leigos casados, são sinais de amor e de serviço mesmo em meio à política partidária que é "campo próprio dos leigos" (268).

O Reino se realiza onde Deus está reinando. •

SIM, EU TAMBÉM VOU SER PADRE



Para me consagrar ao serviço do Reino de Deus, que é verdade, justiça, paz, amor, fraternidade e alegria.

Para tomar a defesa dos marginalizados, dos sem fé, sem amor, sem esperança, sem liberdade, sem justiça, sem comida, sem casa, sem escola, sem saúde, sem emprego, sem voz, sem vez, sem presente e sem futuro.

Para me dedicar à salvação do homem inteiro e de todos os homens, meus irmãos.

Você está pensando como esse jovem? Então, junte-se a nós porque ele já é um dos nossos.

PADRES DE SION

INFORMAÇÕES

Secretariação Vocacional de Sion
Rua Lino Coutinho, 444
Fone: (011) 63-7429
04207 - São Paulo, SP

Gabi - novos ventos

Rosana Costa Chrispim

Programa noturno puramente informativo e sem tendenciosidade, mesclando artes, curiosidades e política em segmentos dosados para não serem cansativos nem esvaziantes.

Os ares da Nova República têm trazido não só novas expectativas como também positivas modificações dentro dos programas mostrados pela televisão. Todas as atrações, de um modo geral, mostram uma linguagem mais solta e gozam de maior liberdade no desenvolvimento dos temas. O autoritarismo que se extingue (ainda) tem permitido às emissoras — na concorrência pela audiência e na busca da supremacia — uma abordagem mais franca e próxima das necessidades do telespectador.

Marília Gabi Gabriela, programa semanal de duas horas que substitui “Essas Mulheres Maravilhosas”, é uma nova investida da Rede Bandeirantes para enfrentar “Chico Anysio Show”, da Globo. Apostando na tarimba profissional da jornalista Marília Gabriela, a rede coloca no ar um programa de variedades com boas entrevistas e nova disposição de cenários. Gabi não será somente apresentadora. Será um elo de ligação entre os quadros e entrevistadora dos convidados, como requerem os novos ventos...

O cenário é formado por cinco “sets” em formato circular integrados por uma área central, incluindo um palco para performances e uma sala para entrevistas. Mas o que agrada mesmo é a desenvoltura e a segurança com que se conduz o programa, que não carrega o mesmo ranço de banalidade dos demais programas do gênero. Nas entrevistas, por exemplo, com o presidente José Sarney e, depois, com o deputado Paulo Maluf as perguntas foram formuladas com seriedade e conhecimento da história recente do País, com algumas cobranças no que tange às posturas dos entrevistados. O forte, pode-se perceber, é o jornalismo. Gabi movimentou-se, entre um qua-



dro e outro, com relativa informalidade, proporcionando ao espectador um painel amplo e diversificado de assuntos de interesse geral e de situações engraçadas como o quadro Karaoke, onde o convidado com a ajuda de um playback — (fita gravada com acompanhamento de instrumentos) — cantará uma música à sua escolha; é uma situação que mostra as pessoas famosas atuando fora de seus contextos.

Não chega, no entanto, a ser crítico. Não traz discussão ou debate. Parece que a proposta é realizar um programa noturno puramente informativo e sem tendenciosidade, mesclando artes, curiosidades e política em segmentos dosados para não serem cansativos nem esvaziantes. Entretanto, a notícia “quente” não faz parte do programa. O que se apresenta é quase que atemporal. Trata-se, talvez, de uma proposta de mostrar assuntos menos percebíveis e factas de interesse permanente, tanto de artistas como de pessoas influentes no cenário brasileiro. Não deixa de ser uma opção de entretenimento e de lazer para um público que não se interessa por polêmicas ou por humorismo caracterizado, mas que ainda gosta de uma revista depois das novelas. ●

PARA REFLETIR

1. Você conhece algum outro programa no gênero, durante a semana, que trate de assuntos de interesse geral e que ao mesmo tempo aborde assuntos de impacto?
2. O programa traz alguma coisa que seja interessante para o seu dia-a-dia? Você diria que os assuntos mostrados não são importantes? Por quê?
3. Que outras diferenças boas ou ruins você percebe entre este e outros programas do mesmo estilo? No que difere, fundamentalmente, o “Marília Gabi Gabriela” do seu antecessor, “Essas Mulheres Maravilhosas”?
4. Por que a figura de Marília Gabriela é tão importante, a ponto de o programa levar o seu nome?

NO COLÉGIO DE FREIRAS



Há muitos e muitos anos passados, havia no Rio vários bons colégios religiosos de freiras italianas e francesas. Nesse colégio encontraram-se 3 adolescentes filhas de fazendeiros do Est. do Rio, que completaram as 280 alunas internas.

Os adolescentes de 60 anos passados obedeciam aos padrões de comportamento da época e não provocavam tantos problemas.

Como uma das 3 adolescentes, adorei ficar em colégio interna. Era divertido aprender, viver uma nova vida, depois que saímos da cidadezinha de Santo Antônio de Porciúncula. Nós três fomos matriculadas juntas. Cada mês, um dos pais se transformava em PAIZÃO. Quem ia mais vezes era o Sr. João Guimarães. Era um português boníssimo, que tinha mais negócios no Rio do que os pais de nós outras. E era também o mais alegre e animado companheiro. Tinha muita paciência em lidar com as três mocinhas. Ficávamos sempre no mesmo hotel, num apartamento de dois quartos e banheiro. Íamos ao teatro e às compras e voltávamos cheias de bijuterias, que faziam inveja às que não tinham saído.

As 3 amigas de tantos anos passados eram Aparecida, filha do Sr. João Guimarães, Avany e Carmy. A

Aparecida está convivendo com seu filho sacerdote, da igreja Nossa Senhora do Brasil, da Urca, o queridíssimo padre Antônio José de Moraes. A Avany já é falecida e a Carmy está com 3 netos barbados e um filho professor da USP.

As freiras eram boníssimas! Sabendo tudo que sei agora, optaria por elas. Apesar de muita gente considerar colégio em regime de interna-

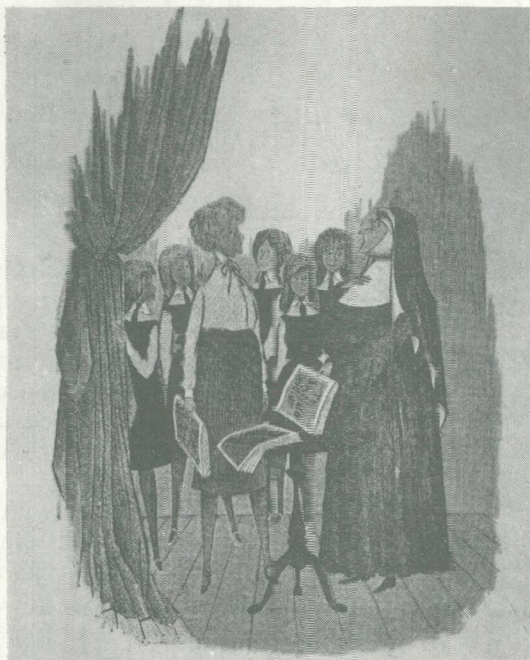
to um castigo intolerável, nós gostávamos e nos divertíamos bastante.

Os nossos netos atuais, quando souberam, ficaram realmente penalizados. Coitadinhas de vocês, o que foi que fizeram de tão grave para irem para um castigo desses: Colégio interno!!!

Havia algumas proibições engraçadas. Uma delas era não se despir nem para tomar banho sozinha. Tínhamos que usar um camisolão para vestir enquanto tomávamos banho sozinhas, com porta fechada. Esta regra era obedecida somente nos primeiros dias, pois ao fim desse tempo deixávamos o camisolão e entrávamos sem roupa debaixo d'água. E o camisolão passava a ser usado como tapete para não escorregar. E ao sair do banho era só dependurar para secar.

A NOSSA AMIZADE: Ao escrever sobre as coisas no nosso antigo colégio fiquei com saudades da minha amiga Aparecida, companheira daquele tempo. A nossa amizade perdura, em convivência amistosa desde então. De vez em quando ficamos sem nos ver por algum tempo.





Todas as coisas para crescerem e durarem necessitam de capacidade. Também o cultivo da amizade precisa da capacidade de amar. Assim como o pintor precisa de algum talento especial para levar à tela as coisas que vê ao seu redor. A amizade também exige uma aptidão particular que é a capacidade de amar. Significa ser capaz de se identificar com os que estão próximos e ter compreensão para essas pessoas. Significa ser capaz de sentir as alegrias e tristezas da outra tanto quanto as suas próprias.

O amigo, qualquer amigo, também tem defeitos e qualidades. A pessoa nem sempre concorda em tudo, com o amigo, mas aceita-o como

é, reconhecendo que suas outras qualidades são mais importantes. A amizade sempre envolve duas pessoas, num dar e receber mútuo. Quando tudo vai bem não há problema para manter a amizade. As discussões sobre coisas simples como o fato de você querer ir a um teatro e o outro preferir passeio turístico, podem causar atritos. Esses altos e baixos acontecem de vez em quando, mas você pode aprender a manter os baixos em um mínimo e aplicar socorro de urgência quando ocorrerem.

NOSSOS MAIS JOVENS AMIGOS: A CATINHA é uma linda menina de 3 anos e meio. Ela estava na

minha casa quando eu precisava sair. Ela queria ficar continuando o brinquito... Eu já estava impaciente, ao ponto de estourar... Quando ela mesma achou a solução, falando suave e jeitosa: — Cau! Você pode sair, viu? Eu vou falar com a mamãe para tomar conta de mim até você chegar de volta. Tá?

OLAVITO — 6 anos. — Ele nunca tinha ouvido falar em morte. Quando um dia faleceu o seu bisavô e as outras crianças falavam, cada um explicava o que era a morte. O tio explicou que não devia ficar tão triste, pois o bisavô estava muito feliz. No lugar em que ele mora tudo é diferente. Não precisa mais comer nem dormir... É uma pena! Coitado do vô. Mas há muita coisa boa! Não precisa mais tomar banho nem trocar de roupa, nem calçar sapatos! E isso é muito bom!

A NICOLE E O DOCE DE ESTRELA: NIC — 2 anos e meio. Um dia chegou bem pertinho de mim e me ofereceu um pedaço de Doce de Estrela. Quero, sim, Nic. Como é? Ela fez aquela carinha irresistível, esticou o bracinho bem, bem alto e arrancou com muita força alguma coisa invisível e colocou na minha mão. Olhou e não gostou: Cau, está muito pequeno, e jogou fora. Esticou novamente o corpinho e tirou outra estrela. Colocou na minha mão e nós duas comemos, tirando aos bocadinhos. Estava muitíssimo gostoso, **COM GOSTINHO DE CÉU!**

Pudim de abobrinha e coco (Prêmio de originalidade)

500g de abobrinha verde, sem casca e picada
1 xícara de açúcar
1 xícara de karo
1/2 xícara de leite
1 xícara de leite de coco
4 ovos
4 colheres de maizena
1 colher de manteiga
1 colherinha de baunilha.

Cozinhe a abobrinha em panela tampada, com 1

pitada de sal. Escorra bem e bata no liquidificador com os demais ingredientes. Se ficar muito mole, cozinhar para secar um pouco. Coloque numa forma de pudim (grande) caramelizada. Leve ao forno médio, em banho-maria, por 1 hora e 20 minutos. Desenforme depois de 10 minutos, deixe esfriar e leve à geladeira. Sirva geladinho.

Bolo de café

3 colheres de margarina
1 xícara de açúcar

3 gemas
1 colher de chocolate em pó
1/2 xícara de maizena
5 colheres de farinha de trigo
1 colherinha de fermento em pó
1/2 xícara de café, frio e forte
3 claras em neve.

COBERTURA

3 colheres de margarina
3 colheres de açúcar
1 colherinha de baunilha
2 colheres de chocolate em pó.

Bata bem a margarina e, sem parar de bater, junte, aos poucos, o açúcar, as gemas e o chocolate. Acrescente a maizena misturada com a farinha e o fermento, alternando com o café. Junte delicadamente as claras. Leve ao forno médio, numa forma de furo central (média), untada e enfarinhada, por 30 minutos.

Bata bem todos os ingredientes da cobertura. Cubra o bolo, ainda morno.

Uma ação vale por mil palavras

Donald Lazo

Basta um elemento da família que tenha dentro de si a capacidade para reagir de maneira construtiva, para que a família do alcoólatra mude completamente a sua situação.

Quando existe, em um lar, um homem alcoólatra, sua esposa e, digamos, quatro filhos, existem seis pessoas doentes nessa casa. São pessoas que, devido ao alcoolismo de uma delas, pararam de crescer, espiritual e emocionalmente. Não se comunicam mais, a não ser através de agressões. Não há diálogo construtivo. Os membros da família deixaram de procurar compreender um ao outro, de cooperar entre si, de se amar. Enfim, não existe mais uma "família". Existem apenas seis pessoas que, sofredamente, convivem juntas, todas desorientadas. É por isso que o alcoolismo é chamado a doença da família. A "família", como instituição, adoeceu. E quando uma família está doente, ela não pode ajudar o alcoólatra no seu meio. Só pode prejudicá-lo.

Às vezes, contudo, um dos membros da família encontra dentro de si a capacidade para agir de maneira construtiva.

Alguns anos atrás eu andava tentando ajudar uma família dessas. O pai era o típico alcoólatra na ativa, resistindo ao tratamento de toda forma. O resto da família vinha se encontrando comigo uma vez por semana, mas chegou um momento em que senti que não estava havendo mais progresso. Parecia que estávamos apenas repisando o mesmo terreno a cada encontro. Tanto a mãe quanto os quatro filhos estavam sempre zangados, menos a mais jovem. Ela tinha uns sete anos de idade e era a predileta do pai. E gostava desse papel. Ela gostava de ser "a menina do coração de papai". Já mais se havia mostrado ressentida com o comportamento dele. Ao mesmo tempo, nas conversas que eu mantinha com a família, a menina



quase nunca abria a boca. Ficava lá sentadinha... e silenciosa.

Toda vez em que o pai se embriagava, ele abusava verbalmente de sua família, xingando-os para cima e para baixo. Mas o seu bode expiatório predileto era o filho maior, um rapaz que tinha seus dezessete anos. Quase sempre, quando o pai se embriagava e se tornava violento, era o filho maior que mais apanhava. E quase sempre o pai acabava expulsando-o de casa. Os demais saíam correndo para se esconder. A mãe se sentia totalmente incapaz de lidar com a situação. Não sabia o que fazer. O pai alcoólatra tinha a todos muito bem controlados, aterrorizados diante dele. Nenhum se atrevia a fazer-lhe frente.

Nos meus encontros com a mãe e os filhos, uma de minhas metas, ob-

viamente, era tentar inculcar neles um pouco de autoconfiança, para que algum dia pudessem ter a confiança de agir de maneiras mais produtivas, ao invés de sempre reagir, simplesmente, ao comportamento dele. No entanto, para dizer a verdade, eu não tinha muita esperança de ver mudanças substanciais nessa família a curto prazo. Na minha opinião, poderia demorar meses para eles começar a melhorar.

Podem se imaginar, então, a surpresa que eu levei um dia quando o pai telefonou para saber se podia se internar e se tratar conosco. A próxima vez em que me reuni com a família, me contaram o que havia acontecido.

O pai se havia embriagado e, como de costume, ameaçara o filho maior, forçando-o a sair de casa. Só que, desta vez, a menina de sete anos havia olhado para o pai e dito: "Se Carlos vai, eu vou também". Vestindo seu casaco, ela saiu atrás do irmão. E, então, um por um, o resto da família havia saído também. Juntos foram para uma pensão onde não tiveram que ficar mais que alguns dias. Pois, quando o pai percebeu que não estavam blefando e que realmente não pretendiam voltar até que ele aceitasse tratar-se, ele ligou para nós e veio se tratar. Bem-sucedidamente, por sinal. Neste caso, o fim da história é um fim feliz. E deveu-se a essa menina de poucas palavras que, quando decidiu falar, falou o que precisava para salvar uma vida... e uma família. ●



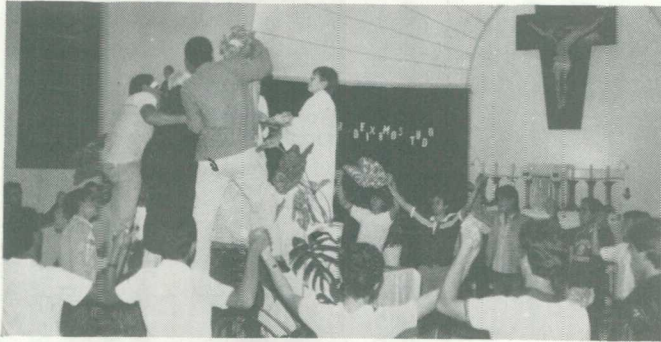
CHÁCARA REINDAL

Especializada em
alcoolismo

*Sua melhor chance de se
recuperar do alcoolismo e
iniciar uma vida nova,
produtiva e feliz.*

Cx. Postal 20.896
01498 São Paulo, SP
(Fone: (011) 520-9514)

Na Paz do Senhor



No dia 4 de julho de 1985 faleceu o querido e estimado Ir. Antônio Gomes Sardinha às 16:00 horas, na Santa Casa de Misericórdia de Rio Claro, SP. O Ir. Sardinha nasceu aos 16 de maio de 1890 em Cajuru, SP, sendo seus pais José Gomes Sardinha e Ana Luísa Moreira dos Santos.

Religioso autêntico, viveu uma vida simples e humilde e sumamente benquisto por seus irmãos de Congregação e familiares. Consagrou 59 anos de sua vida ao Imaculado Coração de Maria, a qual amava de todo o coração como bom filho.

Ainda este ano, no dia 31 de maio, o Ir. Sardinha, ajudado pelos seminaristas, coroou a Virgem Maria, ato este que sempre fez nos últimos anos em que residiu no Seminário Claret, sendo esse gesto um grande incentivo para os vocacionados.



Que a vida do Ir. Sardinha seja o grão de trigo que caiu na terra para germinar muitas vocações de Missionários Irmãos na Província Claretiana do Brasil.

Aviso aos ex-alunos do Seminário Claret - Rio Claro - SP

Haverá para os ex-seminaristas de Rio Claro um encontro: dia 26 de outubro. Dia 27 de outubro para você, ex-seminarista, e sua família. Serão dias inteiros de encontro.

Esclarecimentos

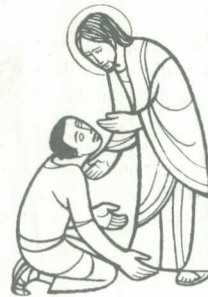
Foi com alegria que a Revista AVE MARIA recebeu da Câmara Municipal de Pindamonhangaba a identificação do compositor da melodia do hino cantado no XI Congresso Eucarístico Nacional realizado em Aparecida do Norte em julho p.p. O autor é o Reverendo Cônego José Maria Guimarães Alves, 71, pároco da Igreja Nossa Senhora da Assunção de Pindamonhangaba. Saiu vitorioso no concurso que contou com mais de 60 participantes. Sua vitória também foi uma vitória para a cidade onde trabalha. O compositor, já com 50 anos de padre, dedicou-se sempre ao ministério e à composição de músicas sacras. Parabéns, "Padre-Músico".

CURSO GRATUITO DE TAQUIGRAFIA POR CORRESPONDÊNCIA

O Instituto Modelo de Taquigrafia abriu inscrições ao seu curso de taquigrafia por correspondência. Pedido das lições à caixa postal, 58.131 - São Paulo, SP.

30º DOMINGO DO TEMPO COMUM — 27/10/85

"VAI, A TUA FÉ, TE CUROU"



1ª LEITURA: Jr 31,7-9: Este capítulo, como o anterior, constitui uma unidade literária originariamente independente. Jeremias pronunciou os oráculos de restauração do Reino de Israel à sua condição primitiva da conquista de Davi. Emprestando a voz a Javé, promete trazer os povos dispersos (hebreus). Revelando a figura de um Deus misericordioso, que conduz o seu povo por caminhos retos, esquecendo os pecados anteriores e preservando-o de pecar novamente.

2ª LEITURA: Hb 5,1-6: Vemos nesta leitura a figura autêntica do sumo sacerdote, representado na pessoa de Cristo. Tirado do meio do povo, é constituído a favor deste povo. Cristo, sendo homem, procurou defender o homem a ponto de sacrificar-se por ele. Jesus foi alguém do povo, sentiu suas angústias, menos o pecado, e por isto pôde lutar por ele e ser o mediador entre Deus e os homens.

EVANGELHO: Mc 10,46-52: A cura do cego de Jericó é narrada de forma diferente pelos três sinóticos — Mc e Lc falam apenas de 1 cego, Mt de 2 cegos anônimos. A forma de o cego chamar a Jesus é também diferente nos três sinóticos. A iniciação à fé começa primeiramente por uma manifestação de Jesus na vida do homem. É preciso que Cristo passe pela sua vida, o que se dá de formas diferentes e em circunstâncias diversas. Aqui o cego representa o homem a caminho da fé: não vê Jesus, mas pressente a sua presença nos acontecimentos. E entrega-se à iniciativa de Deus, que é logo questionada pelo mundo circundante que não deseja a perturbação do Senhor. Mas ele resiste a todas as pressões e grita mais fortemente para que o Senhor ouça seus gritos e atenda a seu pedido. Mas, do outro lado das repressões, existem aqueles que o encorajam a ir em frente e levantar-se, sair de sua condição de inanição e assumir a condição própria do ressuscitado, deixar as vestes — despojar-se do homem velho e revestir-se do homem novo.

Entra o diálogo final: "Que queres?" (v. 51). O engajamento definitivo em forma de pergunta e resposta — exprimindo a liberdade total dos 2 contraentes da aliança. O cego é a testemunha perfeita da passagem da morte à vida, do egoísmo à missão. Que se faz em 5 momentos:

1. A marcha para Deus sob a pressão da consciência de pessoas e malgrado os obstáculos do mundo; 2. A marcha para Cristo, ao seu chamado e à escuta de sua palavra; 3. A oferta de si — conversão — despojamento do velho homem; 4. Comunhão com Cristo; 5. A marcha em Cristo — a evangelização — sinal do Reino (cf. Guia da Assembléia Cristã, VII, Vozes, pp. 224-225).

COMENTÁRIO: O tema central da liturgia de hoje está na segunda leitura: o sacerdote = pontífice (aquele que liga, a ponte). O autor de Hb expressa claramente o que e como deve ser o sacerdote. É tira-

A Palavra de Deus na Liturgia Eucarística

Hugo Giuriatti

Reflexões sobre a Palavra de Deus.

Breves comentários para auxiliar os fiéis cristãos a meditar e refletir em suas casas os textos bíblicos a serem proclamados e explicados nas missas dos domingos e dias santos e para maior participação na liturgia eucarística.

do do meio do povo e colocado a seu favor — é um ser humano com limitações como todos os homens. Mas que possui uma missão especial entre seu povo — ser a ponte de ligação dos homens com Deus, defendê-los, quando necessário, de tudo que os ataca, demonstrando que o sacerdote não é um ser isolado do mundo, mas está a favor dos homens fracos.

Por ser humano, sabe compadecer-se das fraquezas humanas, porque também ele as tem. É o aconselhador e orientador de seus irmãos; sabendo de suas fraquezas, compreende-os e os ajuda em suas dificuldades.

Ninguém se atribua esta função se não for chamado por Deus (v. 4). A vocação ao sacerdócio exige este chamado, pois ele estará a serviço de Deus; portanto, Ele deverá conhecê-lo bem e saber de suas fraquezas e qualidades. Nem mesmo Cristo atribuiu a si esta glória, senão ao Pai que lhe deu.

TODOS OS SANTOS — 3/11/85

BEM-AVENTURADOS OS PUROS DE CORAÇÃO



1ª LEITURA: *Ap 7,2-4.9-14*. João nos mostra que a Igreja é salva porque pertence a Deus e dá o testemunho de Jesus Cristo, que leva à vida autêntica. Por isso a comunidade, embora perseguida pelos romanos, não deve temer. Ela está na mão do ressuscitado. Os quatro anjos ou ventos são o julgamento de Deus contra o mal para não prejudicar os que servem a Deus. Este é o novo Israel, a nova comunidade, os que foram lavados pelo sangue do cordeiro. Comuni-

dade completa e perfeita. Número simbólico é um número incontável, pois Deus quer salvar a todos sem exceção.

2ª LEITURA: *1Jo 3,1-3*. João mostra-nos como Deus nos ama e que Deus nos quer, e o somos de fato, filhos de Deus. E somente quem vive o amor de Deus reconhece o amor deste Deus que é Pai revelado em Jesus, fonte desta realidade.

EVANGELHO: *Mt 5,1-12a*. Ao proclamar as bem-aventuranças, Jesus revelou-nos em palavras O REINO DE DEUS. E, segundo o nosso pensamento, é uma realidade paradoxal: felizes os pobres, os mansos, os aflitos, os perseguidos etc... Em Jesus, Deus apresenta aos homens uma nova ordem de valores e realidades.

COMENTÁRIO: Hoje nos alegramos com os santos do céu. Mas não é lícito esquecer os santos da terra. Pois não basta apresentar ao mundo os "cento e quarenta e quatro mil assinalados" ou "a imensa multidão" daqueles que acompanham o Cordeiro na glória. Número simbólico das tribos de Israel: 12. E agora aberta está a salvação para todas as tribos, povos e línguas. Então 12x12x1.000=144.000. O mil é

o número infinito. As vestes brancas e as palmas indicam a participação na vitória do Ressuscitado sobre os poderes do mundo. O homem, para crer, precisa ver santos andando com ele, companheiros do seu dia-a-dia, parceiros de luta e de trabalho, capazes de beber o cálice da alegria e do sofrimento, que ele costuma beber. E, graças a Deus, a terra está cheia de santos: são os que têm fome e sede de justiça, que não se conformam com este mundo violento, que dia e noite clamam para que justiça seja feita.

32º DOMINGO DO TEMPO COMUM — 10/11/85

A VERDADEIRA OFERTA É A DO CORAÇÃO



1ª LEITURA: *1Rs 17,10-16*. O diálogo de Elias com a viúva de Sareta ocorreu entre os anos de 875-853. Tempo de seca e carístia. O profeta, por ordem de Deus, vai em direção do rio Jordão, mas precisamente nas torrentes de Carit, para sobreviver. Indo mais além, o mensageiro de Deus dá segurança e fortalece na fé o pequeno povinho que ainda acreditava em Deus.

2ª LEITURA: *Hb 9,24-28*. Cristo é o cordeiro definitivo. Ele entra no santuário uma única vez e der-

rama seu próprio sangue para o perdão do pecado e não é mais necessário com isso derramar sangue de vítima alguma. E ele aparecerá numa segunda vez não mais em razão do pecado e, sim, para trazer a salvação àqueles que o esperam (v. 28). Ele é o sumo e eterno sacerdote da nova aliança de Deus com os homens.

EVANGELHO: *Mt 12,38-44*. Para Jesus, que vê o homem por inteiro, é fácil saber a forma de oferta que fazemos de nós mesmos. Para Jesus, palavra e pessoa são a mesma coisa. Não adianta tentar enganar a Deus; o que está em jogo é a qualidade e não a quantidade da nossa oferta.

COMENTÁRIO: Há uma grande ligação entre o texto da 1ª leitura e o texto do Evangelho. Ambos falam de pessoas marginalizadas socialmente pela sociedade. E é a história de um povo. Povo de Israel. O povo que lia no tempo os sinais de Deus. A história do livro dos Reis abrange desde a morte de Davi no ano 970 e vai até a destruição de Jerusalém com a deportação do povo por Nabucodonosor em 587 a.C. E a história do Evangelho é a vida pública de Jesus. Jesus, que aproveita a oportunidade para catequizar seus discípulos. Dizendo que a oferta é a do coração. A oferta verdadeira é a do amor sem restrição. A verdadeira oferta é dar tudo o que se tem e acreditar piamente na esperança divina. Por vezes nós fazemos grandes ofertas financeiras, ou damos mesmo um bom dinheiro ao mendigo para abafar a consciência, pensando com isso agradar a Deus.

ESTEJAMOS ATENTOS: NOSSO DIA JÁ VEM



1ª LEITURA: *Dn 12,1-3*. Trecho apocalíptico — revelação (Ap 1,1) — que nasce dentro de uma situação difícil: o povo de Deus é perseguido, oprimido e vigiado em todos os sentidos, chegando ao desânimo e ao abandono da fé. Nesta circunstância o autor escreve para seus irmãos, procurando encorajá-los a lutar e a perseverar até o fim.

2ª LEITURA: *Hb 10,11-14.18*. Oferecer outro sacrifício (fora o de Cristo) pelos pecados é inútil porque a humanidade já foi perdoada

para sempre. Com a oferta que fez de si mesmo, Cristo obteve para todos os homens a graça que os torna perfeitos, isto é, resgatados do pecado e consagrados a Deus.

EVANGELHO: *Mc 13,24-32*. Jesus se torna presente nos acontecimentos como Filho do Homem que reúne os homens para realizar o julgamento e comunicar a salvação: o Reino. O evangelho convida à vigilância. Viver em atitude de discernimento, sabendo distinguir os sinais dos tempos, isto é, o modo construtivo ou destrutivo com que as realidades na vida se orientam, pois é dentro dessas realidades que se verifica a presença de Jesus que vem para julgar e salvar, mostrando a justiça ou injustiça que se manifesta nas atitudes dos homens dentro das relações sociais.

COMENTÁRIO: Muita gente está curiosa em saber quando será o fim do mundo. Muita gente querendo interpretar as palavras de Jesus. Será que sabemos interpretá-las direito? Porém, para decepção dos curiosos, a resposta de Jesus é evasiva: só Deus sabe.

Olhando o fim do mundo como a destruição da injustiça e da maldade, o fim do mundo acaba sendo uma missão para o cristão: devemos participar ativamente no fim do mundo. A queda inevitável a que estão condenados os grandes desse mundo com seus poderes não é só o que está por acontecer. É preciso ainda que Jesus venha, manifestando seu poder e sua glória. Para isso a comunidade é chamada ao discernimento, à vigilância, ao testemunho. Esse apelo à comunidade ficou muito consciente em Puebla onde a Igreja se sentiu impelida pela fé a “discernir as interpelações de Deus nos sinais dos tempos, a dar testemunho, a anunciar e a promover os valores evangélicos da comunhão e da participação” (Puebla, 15). Mas o que isso significa de concreto na prática?

O discernimento nos leva não só a perceber que as grandezas e poderes que não são de Deus estão caindo. Leva-nos também a identificá-los e a não compactuarmos com eles, sob o risco de sermos destruídos juntos. Nesse ponto, nossa caminhada de Igreja na América Latina tem dado grandes passos, percebendo até que pontos nós próprios fazemos o jogo do poder e da dominação, como participamos na exploração das pessoas e cult. vamos a pobreza, como somos classistas e jogamos tantas pessoas para a periferia de nossos relacionamentos. Somos freqüentemente envolvidos pelo “sistema pecaminoso” com que se organiza a sociedade. E então mudamos. Isto nos leva à vigilância constante. Com senso crítico apurado pelo Evangelho, vamos descobrindo onde se faz mais urgente nossa atuação para destruir o mundo da injustiça e fazer nascer o mundo novo de Jesus.

LEITURAS LITÚRGICAS PARA OS DIAS DA SEMANA

Dia 1 de outubro — 6ª-Feira: 1ª Leitura Rm 9,1-5, Evangelho Lc 14,1-6; **Dia 2** — Sáb.: 1ª L. Jó 19,1.23-27a, 2ª L. Rm 5,5-11, Ev. Jo 6,37-40; **DOM.**; **Dia 4** — 2ª-F.: 1ª L. Rm 11,29-36, Ev. Lc 14,12-14; **Dia 5** — 3ª-F.: 1ª L. Rm 12,5-16a, Ev. Lc 14,15-24; **Dia 6** — 4ª-F.: 1ª L. Rm 13,8-10, Ev. Lc 14,25-33; **Dia 7** — 5ª-F.: 1ª L. Rm 14,7-12, Ev. Lc 15,1-10; **Dia 8** — 6ª-F.: 1ª L. Rm 15,14-21; Ev. Lc 16,1-8; **Dia 9** — Sáb.: 1ª L. Ez 47,1-2.8-9.12, Ev. Jo 2,13-22; **DOM.**; **Dia 11** — 2ª-F.: 1ª L. Sb 1,1-7, Ev. Lc 17,1-6; **Dia 12** — 3ª-F.: 1ª L. Sb 2,23-3,9, Ev. Lc 17,7-10; **Dia 13** — 4ª-F.: 1ª L. Sb 6,2-12, Ev. Lc 17,11-19; **Dia 14** — 5ª-F.: 1ª L. Sb 7,22-8,1, Ev. Lc 17,20-25; **Dia 15** — 6ª-F.: 1ª L. Sb 13,1-9, Ev. Lc 17,26-37; **Dia 16** — Sáb.: 1ª L. Sb 18,14-16; 19,6-9, Ev. Lc 18,1-8; **DOM.**; **Dia 18** — 2ª-F.: 1ª L. 1Mc 1,11-16.43-45.57-60.65-67, Ev. Lc 18,35-43; **Dia 19** — 3ª-F.: 1ª L. 2Mc 6,18-31, Ev. Lc 19,1-10; **Dia 20** — 4ª-F.: 1ª L. 2Mc 7,1.20-31, Ev. Lc 19,11-28; **Dia 21** — 5ª-F.: 1ª L. 1Mc 2,15-29, Ev. Lc 19,41-44; **Dia 22** — 6ª-F.: 1ª L. 1Mc 4,36-37.52-59, Ev. Lc 19,45-48; **Dia 23** — Sáb.: 1ª L. 1Mc 6,1-13, Ev. Lc 20,27-40; **DOM.**; **Dia 25** — 2ª-F.: 1ª L. Dn 1,1-6.8-20, Ev. Lc 21,1-4; **Dia 26** — 3ª-F.: 1ª L. Dn 2,31-45, Ev. Lc 21,5-11; **Dia 27** — 4ª-F.: 1ª L. Dn 5,1-6.13-14.16-17.23-28, Ev. Lc 21,12-19; **Dia 28** — 5ª-F.: 1ª L. Dn 6,11-17, Ev. Lc 21,20-28; **Dia 29** — 6ª-F.: 1ª L. Dn 7,2-14, Ev. Lc 21,29-33; **Dia 30** — Sáb.: 1ª L. Rm 10,9-18, Ev. Mt 4,18-22.

JESUS CRISTO É O REI SOBERANO DOS POVOS



1ª LEITURA: *Dn 7,13-14*. Este texto foi redigido entre os anos de 167-164 a.C. O autor contrapõe aos perseguidores do povo de Deus um homem, o Filho do Homem, que recebe a investidura divina para exercer uma soberania eterna e universal. O Filho do Homem é primeiro um personagem coletivo, uma idealização do Povo de Deus, cuja vocação é transcendente e cuja sabedoria não é como a dos poderes do mundo, pois repousa na aliança com Deus, implicando as

relações entre os homens, na justiça e na verdade.

2ª LEITURA: *Ap 1,5-8*. Jesus Cristo é apresentado como testemunha, fiel e primogênito, dentre os mortos e chefe dos Reis da terra (v. 5). Ele dessa forma revelou o amor do Pai pelos homens. Ressuscitando, Ele torna-se o novo Adão que inicia a nova humanidade vitoriosa. A comunidade cristã reconhece que a glória e o domínio pertencem a Jesus, porque Ele realizou o ato definitivo da salvação da humanidade. O fundamento deste ato foi o amor e o meio foi a entrega da vida na cruz.

EVANGELHO: *Jo 18,33b-37*. Este evangelho é um anúncio destinado a suscitar a fé e a fazê-la crescer. E quer mostrar que tipo de Rei é Jesus e o que significa seu reino. A pergunta “És o rei dos Judeus?” (v. 33) mostra que Pilatos já sabia da acusação que os chefes do povo judeu alegavam contra Jesus para que o poder romano se interessasse pelo seu julgamento, uma vez que a acusação de blasfêmia de modo algum o incomodaria. Mas, sim, este homem está querendo tomar o poder.

COMENTÁRIO: Jesus fala abertamente por duas vezes: “O meu reino não é deste mundo”. Isto é, o meu modo de reinar não é segundo o conceito dos homens. O reino de Jesus não é de origem desse mundo. A origem do reino de Jesus vem do alto. É um reino de serviço de doação e de amor. Não é um reino em que os súditos são escravos. “Eu vos chamo de amigos”.

Os reus deste mundo gostariam muito que Jesus deixasse seu reinado para o mundo do além, para depois da morte. Assim eles não teriam concorrentes. Entretanto, quando Jesus diz que “seu reino não é deste mundo”, ele está dizendo que seu reino se opõe a estes reinos baseados na força, no controle e dominação. Assim, ele não deixa seu reinado para depois, mas, ao contrário, “foi para isso que veio ao mundo”, para começar já. Percebendo essa oposição, mataçam Jesus. Mas o poder e a bondade de Deus ressuscitaram Jesus que está vivo entre nós, e o seu Reino continua.

É importante buscar identificar os reis e reinados de opressão existentes em nossa comunidade. Eles se caracterizam pelos privilégios reservados a alguns, pela prepotência que impede outros de participarem nas decisões e grupos, pelo uso da força e imposição ou pelo descompromisso e alienação diante dos outros. Quais são e como se manifestam?

É igualmente importante evidenciar o reinado de Jesus que já se manifesta em nosso meio. Atitudes concretas estão sendo tomadas; existem iniciativas em busca de maior fraternidade e justiça; muita coisa já se conseguiu. Tudo isso é manifestação do Reino de Jesus.

“QUEM TEM UM AMIGO TEM UM TESOURO”

QUEM É AMIGO DE VERDADE MERECE SER LEMBRADO E SER FELICITADO

UM GESTO E DUAS BOAS AÇÕES! UM CARTÃO DE NATAL COM DUAS FINALIDADES:

Uma — Mandar uma significativa mensagem de fé cristã a um amigo, a um parente, a um familiar, a um cliente, a uma pessoa importante, como lembrança de amizade e consideração. Você se sentirá feliz e ele também.

Outra — Ajudar concretamente na manutenção e na formação das vocações claretianas. Adquirindo os cartões de Natal do Secretariado Vocacional Claretiano

você terá em mãos cartões de alta qualidade, em excelente papel de luxo, coloridos, para enviar votos de Feliz Natal. Além disso, você estará ajudando diretamente nos estudos, na formação, na manutenção dos 121 jovens que estão atualmente nos 5 seminários claretianos, preparando-se para o sacerdócio. Não espere o fim do ano. Aproveite enquanto é tempo! Faça hoje mesmo o seu pedido. Um gesto e duas boas ações! E a satisfação de fazer alguém feliz.

MODELOS	ASSINALE AQUI A QUANTIDADE DE CARTÕES PEDIDOS	MODELOS	ASSINALE AQUI A QUANTIDADE DE CARTÕES PEDIDOS
Nº 14	2.300 cada	cartões
Nº 15	2.300 cada	cartões
Nº 16	2.300 cada	cartões
Nº 23	2.300 cada	cartões
Nº 24	2.300 cada	cartões
Nº 25	2.300 cada	cartões
Nº 26	2.300 cada	cartões
Nº 27	2.300 cada	cartões
Nº 28	2.300 cada	cartões
Nº 29	2.300 cada	cartões
Nº 30	2.300 cada	cartões
Nº 31	2.300 cada	cartões
Nº 32	2.300 cada	cartões
Nº 33	2.300 cada	cartões
Nº 34	2.300 cada	cartões
Nº 35	2.300 cada	cartões
Nº 36	2.300 cada	cartões
Nº 37	2.300 cada	cartões
Nº 38	2.300 cada	cartões
Nº 39	2.300 cada	cartões
Nº 40	2.300 cada	cartões
Nº 41	2.300 cada	cartões
Nº 42	2.300 cada	cartões
Nº 43	2.300 cada	cartões
Nº 44	2.300 cada	cartões
Nº 45	2.300 cada	cartões
Nº 46	2.300 cada	cartões
Nº 47	2.300 cada	cartões
Nº 48	2.300 cada	cartões
Nº 49	1.800 cada	cartões
Nº 50	1.800 cada	cartões
Nº 51	1.800 cada	cartões
Nº 52	1.800 cada	cartões
Nº 53	1.800 cada	cartões
Nº 54	1.800 cada	cartões
Nº 55	1.800 cada	cartões
Nº 56	1.800 cada	cartões
Nº 57	1.800 cada	cartões
Nº 58	1.800 cada	cartões
Nº 59	1.800 cada	cartões
Nº 60	1.800 cada	cartões
Nº 61	1.800 cada	cartões
SUBTOTAL cartões +	SUBTOTAL cartões

atenção!
para você saber com clareza o valor do seu pedido e o desconto de que você vai desfrutar

faça assim:

1 — preencha corretamente os quadrinhos:

2 — some a quantidade de cartões pedidos.
3 — verifique, na **tabela de descontos**, onde a quantidade total do seu pedido se enquadra.

com isso, você saberá quanto de desconto você desfrutará.

tabela de descontos

quantidade de pedidos:

pedidos de 10 a 25 cartões 0% de desconto
pedidos de 26 a 50 cartões 5% de desconto
pedidos de 51 a 100 cartões 7% de desconto
pedidos de 101 a 200 cartões 10% de desconto
pedidos de 201 a 400 cartões 15% de desconto
pedidos de 401 a 600 cartões 20% de desconto
pedidos de 601 a 800 cartões 30% de desconto
pedidos superiores a 800 cartões 40% de desc.

Reúna o pedido de amigos para conseguir maiores descontos!

Preencha os quadrinhos corretamente, indicando a quantidade de cartões desejados, e envie para:
SECRETARIADO VOCACIONAL CLARETIANO
Caixa Postal 54.215 - Cep 01227 - São Paulo - SP

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

CEP: _____ Estado da Federação: _____

ASSINATURA: _____

OBS.: Cada cartão vem acompanhado do respectivo envelope.

- Os cartões serão remetidos por meio da Livraria Ave Maria e pagos pelo reembolso postal. Logo que receber o aviso do Correio, vá buscar seus cartões.
- Atendemos por reembolso, somente pedidos de, no mínimo, 10 cartões.
- Você paga no Correio o valor correspondente ao seu pedido mais o porte postal.

Você tem um amigo?

*Não se esqueça dele neste NATAL!
Envie um cartão desejando-lhe
felicidades e que Deus o abençoe.*



n.º 49 (210 x 150 mm)



n.º 50 (210 x 150 mm)



n.º 51 (210 x 150 mm)



n.º 52 (210 x 150 mm)



n.º 53 (210 x 150 mm)



n.º 54 (210 x 150 mm)



n.º 55 (210 x 150 mm)



n.º 56 (210 x 150 mm)



n.º 57 (210 x 150 mm)



n.º 58 (210 x 150 mm)



n.º 59 (210 x 150 mm)



n.º 60 (210 x 150 mm)



n.º 61 (210 x 150 mm)

Atenção os cartões desta página são em uma cor.



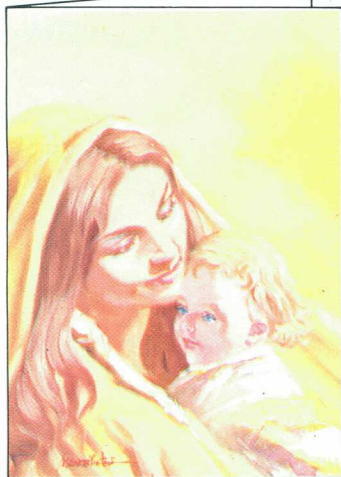
n.º 14 (200 x 150 mm)



n.º 15 (200 x 150 mm)



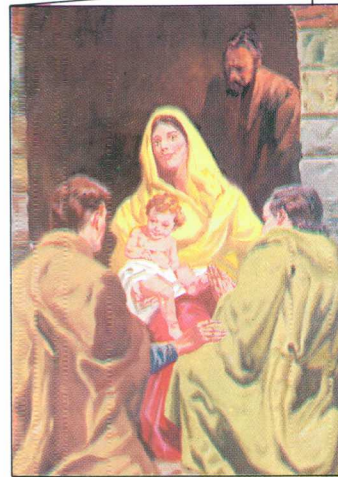
n.º 16 (200 x 150 mm)



n.º 23 (210 x 150 mm)



n.º 24 (210 x 150 mm)



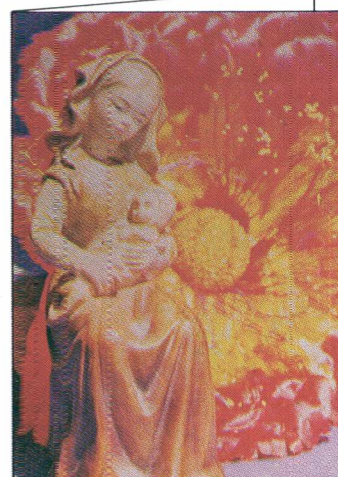
n.º 25 (210 x 150 mm)



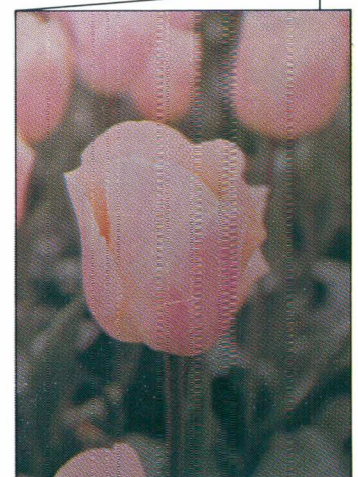
n.º 26 (210 x 150 mm)



n.º 43 (210 x 150 mm)



n.º 44 (210 x 150 mm)



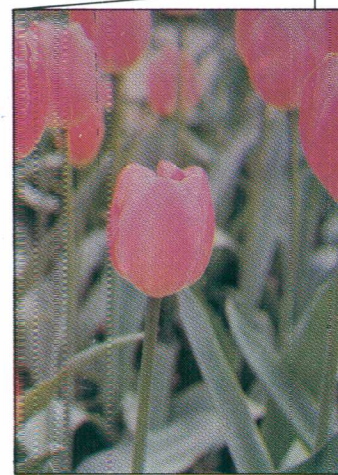
n.º 45 (210 x 150 mm)



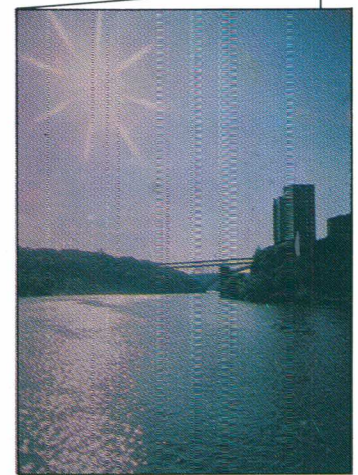
n.º 27 (210 x 150 mm)



n.º 46 (210 x 150 mm)

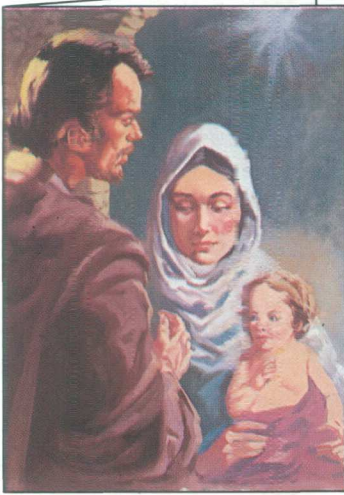


n.º 47 (210 x 150 mm)



n.º 48 (210 x 150 mm)

FAÇA
HOJE MESMO
SEU
PEDIDO.
AJUDE
AS VOCAÇÕES!



n.º 28 (21C x 150 mm)



n.º 29 (210 x 150 mm)



n.º 32 (170 x 155 mm)



n.º 33 (170 x 155 mm)



n.º 30 (21C x 150 mm)



n.º 31 (210 x 150 mm)



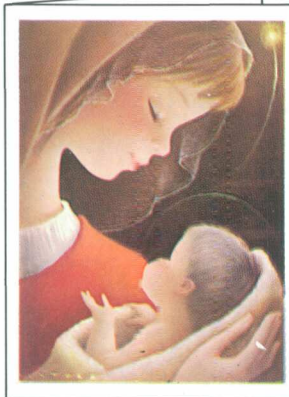
n.º 34 (200 x 150 mm)



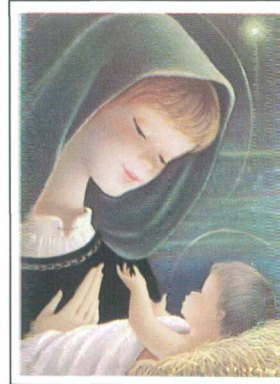
n.º 35 (200 x 130 mm)



n.º 39 (21C x 150 mm)



n.º 36 (200 x 140 mm)



n.º 37 (200 x 140 mm)



n.º 38 (200 x 140 mm)



n.º 42 (210 x 150 mm)



n.º 41 (210 x 150 mm)



n.º 40 (200 x 130 mm)